2070

POESIAS

I

POESIAS

I

POESIAS

DE

ERNESTO CIBRÃO

1857-1860

PARIS
IMPRIMERIE DE P.-A. BOURDIER ET Cie
30, RUE MAZARINE
1861

DO MESMO AUCTOR.

A' Venda:

LUIS, drama em 3 actos.

No Prelo:

OS HOMENS DO CAMPO, drama em 3 actos.

DOIS AMORES, comedia em 4 actos.

MAIS VALE TARDE..., proverbio em 1 acto.

AS ERRATAS, comedia em 1 acto.

UM BILHETE, comedia em 1 acto.

Car la poésie est l'étoile
Qui mène à Dieu rois et pasteurs.

VICTOR HUGO.

A' MEMORIA

DE

CASIMIRO DE ABREU

POETA DAS PRIMAVERAS

CONSAGRA

ERNESTO CIBRÃO.

Recebe este voto, amigo,

. . . .

Em poucos versos singelos.
Qualquer os fará mais bellos;
Ninguem tão d'alma os faria.

GARRETT.

Inda o cypreste não roçára o tope

Na cruz do túmulo;

E nem a relva tapetára a base

Do teu sepulchro.

O chorão não soltou as folhas mortas

E as doces lagrimas;

E nem as rosas da primeira corôa

Murcharam inda.

Mas tu não vives! desfolhou-se o arbusto
Na quadra flórida!
E a brisa perfumada do oriente
Passou assim na terra.

Creança e moço,
Deste ao mundo um rosal de primaveras...
Mal veio o estio... Nem colheste o fructo!
. . . .

E eu venho aqui, — á sombra do cadaver
E á luz do espirito
Que brilha la no ceu —, depôr um cofre
De gozo e maguas;

Que, em noites de tristeza, me sorriam
Estrellas fúlgidas;
Que, em dias de pezar, o sol ás vezes
Me allumiára.

A ti a flor que aos risos da ventura
Abríra o calice;
A ti o pranto que orvalhou a rosa
Por conservar-lhe o viço!

Guarda-o, poeta,
A' sombra protectora do cypreste
E á luz da tua gloria.

Paris, 26 de dezembro de 1860.

Souvent le malheureux sourit parmi ses pleurs,
Et voit quelque plaisir naître au sein des douleurs.

André Chénier, *Élégies*.

PLUMAS E PÊNAS.

Tenho só plumas e pênas!
Os cantos, que ao mundo vão,
Enfeito com plumas da arte
E pênas do coração.

O anjo da desventura,
Que semeia e colhe a dor,
Roçou as azas de ferro
Nas azas do meu amor.

Nasce no prado um arbusto,
Que eleva as franças ao ceu;
Toca-lhe o sôpro de um raio...
Verga-se, pende... morreu.

Sonham-se um dia venturas,
Na ventura temos fé;
Mas vem o sol da verdade,
Nem deixa o sonho de pé.

Tambem... que valem amores
A quem só no mundo está!
Nasce uma crença e fenece,
Depois outra... e mórre ja.

Perdido viajor no monte
Ergue a voz, suspira e vai...
Presta o ouvido, roçou-lh' o
Brando cicio de um ai.

Não estou só! exclama e corre
E vôa, rasgando o pó...
E cança, pára, succumbe...
Era o echo... Estava só!

Assim procuro debalde
E assim me deixo illudir;
Corro, sigo... a minha sombra...
Sempre o desejo a mentir!

Arrasta-me inda a esperança
Por cima do espinheiral...
Se verde a esperança nasce,
Verde morre, para mal!

Se tento regar-lhe as flores,
Peço lagrimas... A quem!
Bato a face nos espinhos,
De um, que esmago, brotam cem!

Desce, oh anjo da poesia!

Traze o balsamo dos ceus,

E empresta-me as roxas flores,

Que pônha nos versos meus.

Que, se vês plumas e pênas

Nos cantos que ao mundo vão,

E' que são as plumas da arte

E as pênas do coração.

CONQUISTA.

Eu vi as auras brincando airosas
Co' as brancas rosas do meu jardim;
Vi duas folhas, tremendo em pejo,
Ao seu desejo darem-se em fim.

Duas estrellas, que o ceu das flores
E os meus amores c'roam de luz,
Vi-as sumir-se... depois, em brilho,
Mostrar-me o trilho que ao ceu conduz.

Se — o leque agitando —
O ar doce e brando
Te deu muitos beijos
Na pallida tez,
Foi bem venturoso
No tácito gozo,
Beijando tão bella
Gentil pallidez.

Se as duas *bellezas*,
Na face tão prezas,
O sôpro do leque
Travesso desfez;
Fui mais venturoso
No tácito gozo,
Beijando a formosa
Gentil pallidez.

Se os olhos esquivos,
Que trazem captivos
Os lirios e as rosas,
O amor escondeu;
Foi bem venturoso
No tácito gozo,
Sumindo as invejas
Dos astros do ceu.

Se as auras, passando
E as rosas beijando,
Tiveram delicias
Que a noite envolveu;
Fui mais venturoso
No tácito gozo,
Mirando teus olhos,
Estrellas do ceu.

E eu vi as auras brincando airosas
Co' as brancas rosas do meu jardim;
Vi duas folhas, tremendo em pejo,
Ao seu desejo darem-se em fim.

Duas estrellas, que o ceu das flores
E os meus amores c' roam de luz,
Vi-as sumir-se... depois, em brilho,
Mostrar-me o trilho que ao ceu conduz.

DESALENTO.

Eu quero ser feliz, quero a ventura
No espaço, que do berço á sepultura
Me tem marcado a sorte!
Eu quero ser feliz! — Brado sublime,
Que todo o amor da vida nos exprime
E todo o horror da morte.

Eu quero ser feliz! — disse a criança,
No futuro avistando uma esperança
Luzir... Fanal incerto!

Eu quero ser feliz! — diz inda o homem,
De quem os tristes dias se consomem
Sem ver a luz de perto.

Eu quero ser feliz! — mero desejo;
Que a brisa da ventura um só bafejo
Não déra ao innocente;
Nem tu, homem, terás felicidade,
Que a sorte te escarnece, e a sociedade,
A súpplica fervente!

1856.

A UNS ANNOS.

> Não viveste p'ra ti, douraste a vida
> A quem t' a não dourou. . . .
> . . . .
> Divina, sem rival, alma grandiosa,
> Devêras ter calcado, de orgulhosa,
> As offertas de um rei.
>
> C. CASTELLO-BRANCO.

La quando o Creador vertêra o *fiat*

Do cahos n' amplidão,

Mandou que houvessem anjos para o mundo

Na forma e coração.

E quiz a cada estrella, que se prende
Na abóbada do ceu,
Dar-lhe rival na terra : são os anjos
Que ao mundo concedeu.

Cadeia luminosa, que no espaço
A mão de Deus conduz,
Estrellas, que verteis sobre os humanos
A caprichosa luz,

Ha na terra dois olhos que se opponham
A uma estrella só;
Duas saphíras, que vos prestam fôgo
Por compaixão e dó!

Tu és, senhora, um dos anjos
Que se oppôem a cada estrella;
Se rival tinha a mais viva,
Agora o tem a mais bella.

Alma, que aspiras ao immenso!
Não creias paixão mundana;
Que não deve ser vassalla
Quem nasceu para soberana.

Nem penses tu que é mentida
A crença que ponho aqui:
E's anjo, — diz-m' o o respeito,
Que n' alma sinto por ti.

Se a ventura, que mereces,
Não foi sempre a tua flor,
Provou a sorte e o destino
Que és um anjo soffredor.

Devias ser feliz, — vergou-te a sorte...
Vergou, que eu bem o sei...
— « Devêras ter calcado, de orgulhosa,
As offertas de um rei! »

Devêras! que este mundo é feio e torpe,
Não te valia, a ti!
E' tempo ainda! reinas na amizade,
Tens vassallos aqui.

A UMA ARTISTA.

Se vês um povo a teus pés ancioso
Prendendo o gozo n' um sorriso teu;
Se o vês chorando se mudaste em pranto
O doce encanto, que o levava ao céu;
Se o vês ardendo por pagar-te o premio
Que deve ao genio, que te deve, a TI;
E' porque o povo entrelaçou as almas
No louro e palmas, que colheste aqui.

Rasga os espaços, poesia altiva,
Não vás captiva por saudar a flor!
Rasga os espaços, que é missão pequena
Chorar a pêna e decantar o amor!
Rasga os espaços, e no vôo immenso
Dize o que penso, quanto sinto aqui!
— Sinto que um povo entrelaçou as almas
No louro e palmas, que te deu, a TI.

Sinto que vôas, — e o voar da gloria
Marca da historia o fúlgido arrebol!
Basta! não venças os celestes lumes,
Temos ciumes do amor do sol!
Basta! que eu canço de voar comtigo,
E mal te sigo no desejo, a TI;
Mas crê-me, artista, que entrelaço est'alma
Na pobre palma, que deponho aqui.

CANTO DO INDIO.

Je hais l'oppression d'une haine profonde.
Aussi, lorsque j'entends, dans quelque coin du monde,
Sous un ciel inclément, sous un roi meurtrier,
Un peuple qu'on égorge appeler et crier,

. . . .

Alors, oh ! je maudis, dans leur cour, dans leur antre
Ces rois dont les chevaux ont du sang jusqu'au ventre.

VICTOR HUGO, *Feuilles d'automne.*

Albion! quebra o teu sceptro,

Que em terra me quer prostrar!

Não me accurvo ante os monarchas,

Não lhes vou a mão beijar.

Nasci livre, é livre o espaço
Por onde eu vou quasi só!
Se um povo levanta a fronte,
Dois a mergulham no pó.

Deixa o homem ser escravo,
Sorrir lambendo o grilhão;
Entre as feras, que se curvam,
Saccode a juba o leão.

Ruge! e a voz quebra-lhe os ferros,
Treme a terra e o sol tremeu;
Se o leão mover as garras,
Tremerá o inferno e o ceu!

Albion! queres dourar-nos
O jugo pesado e vil?
Traze-o agora; quem o acceita!
Não achas um entre mil.

O leão paga em affagos,
Se a dor lhe arrancam do pé;
Mas tem as garras de premio,
Se espinhos na fronte vê.

Vieste banhar no Ganges
O estandarte da paz!
Mentiste ao mundo; o vexame
A tua bandeira traz.

Não se arrasa impunemente
O throno de Aureng-Zeib;
Se a tua lei é cubiça,
E' vingança a nossa lei.

Prende o tigre nos desertos,
Podes domal-o, talvez;
Mas não se compram affectos
Calcando a justiça aos pés.

Era pouco ter a corôa
Dos paizes do Dekan!
De longe vias o Ganges,
Não viste o filho do Pant.

Podias captivar Uda,
Arrasar Agra e Delhi,
Mas sobre a ultima pedra
La estava o Nana-Sahib.

Deixa o homem ser escravo,
Sorrir lambendo o grilhão;
Entre as feras não se curva,
Saccode a juba o leão!

MORRER PARA GOZAR

LENDA DAS MARGENS DO LIMA.

Sereno e manso deslizava o Lethes
Banhando as margens de variado esmalte.
O sol baixava a sepultar o brilho
Por tras do sêrro que d' alem se erguia.

« Que santas horas de sublime gozo
Não experimenta quem a Deus adora,
Quando contempla o perecer do dia,
Chegar a noite, e o scintillar d' estrellas,
Surgir a lua bella e magestosa;
Depois ainda o despontar da aurora,
E o claro sol mostrando a loura face...
Que santas horas de sublime gozo,
Se a tudo junta ser feliz na terra!
Oh! mas que vale tanta poesia,
Se a poesia, sem amor, é nada! »

Assim dizia, suspirando, um bardo
A quem ja pouco lhe importava o mundo.

E o sol baixára a sepultar o brilho
Por tras do sêrro, que d' alem se erguia.

II

Murmurio leve respondia ao triste,
Murmurio leve que das aguas vinha.

«Meu Deus, meu Deus! que deste ao desgraçado,
Em premio de sentir o que ha sentido!
Viver no mundo ignoto e sem um peito,
Que saiba com amor supprir a dita,
Que a sorte denegou ao triste bardo!
Sem ter um coração, um so! que venha
Chorar comigo, ou enxugar-me o pranto
Do desespero, que me escalda as faces!»

Mal acabára, que uma voz celeste,
Assim dizia, perpassando o espaço:

« Poeta, tens na terra a tua lyra;
Não mais, que o ceu negou toda a ventura
A quem sentisse d' alma deslizar-se
Torrente de poesia, amor e fogo!
Que o diga Bernardim, Camões e o Tasso,
Que o diga Chatterton, o suicida,
O pobre Chénier, Gilbert e o Dante.
— Archanjo voador, cego e voluvel,
Sente a ventura n' aza caprichosa
Do genio a luz, e espavorida foge.
Poeta, tens na terra a tua lyra,
E o som primeiro, que da lyra soltas,
Pairando sobre ti, clama : desgraça! »

Desgraça! repetiram muitas vozes,
Que os echos longe e longe duplicaram.

« Desgraça eterna! repetíra o triste,
« Fatal sentença que o Senhor approva! »

III

Bem longas horas decorrido haviam
Sem que o silencio mais quebrado fosse.
Pensára o bardo n' essa voz que ouvíra,
E que tomára por mentira ou sonho;
Mas recordava bem essas palavras,
Que lhe echoaram la no fundo d' alma :
« O som primeiro que da lyra soltas,
Pairando sobre ti, clama : desgraça ! »

E agora a lua surge projectando
A baça fronte n' esse espelho inquieto,
Que as leves auras mui de leve agitam.

Os de uma lyra sons melodiosos
Vem do mancebo resoar no ouvido.
Prelúdio fôra de sentida copla,
Que voz celeste a descantar começa;
E tal doçura tinha e tal magia,
Que a propria brisa suspendeu seu vôo:

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

E apoz a trova foi silencio breve,
Que o pobre vate resentíra a vida,
E retomando a desprezada lyra,
A' voz celeste respondeu cantando :

. . . .

. . . .

. . . .

. . . .

E apoz a trova foi silencio longo,
E a mesma brisa proseguiu seu vôo.

De balde o bardo procurou no valle
O doce archanjo que prendêra as auras;
Em balde fôra perguntar ao rio
Se alguma deusa ou fada ali vivia;
Que o rio, surdo ás vozes do poeta,
Continuava seu murmurio triste,
Parecendo assim dizer-lhe que lamenta
O ter promessa de guardar segredo

IV

« Mulher, mulher ou anjo! exclama o vate,
Pensei que ouvíra a tua voz divina
Tremer os canticos da nossa infancia.
Amei-te, amei-te, Lidia! e tu, em premio,
Traição, perjurio dás ao pobre Ervino.
Oh! não te lembram essas meigas horas,
Que tão velozes, para nós, corriam,
Quando abraçados sob amiga sombra
De olmo copado, te chamava minha!

. . . .

Ai! treme, ingrata, da justiça etherea,
Treme! que a sombra do trahido amante
Pairando sobre ti, clama : vingança! »

E o mancebo, amaldiçoando a vida,
Com passo firme dirigiu-se ao rio.
«Mulher! lembra-te ao menos que juraste...»

«Vivermos juntos ou morrer comtigo!»
Diz uma joven, que por anjo crêras,
E junto ao bardo presto se arremeça.

« Suspende, Ervino, que a constante Lidia
Cumprir seu voto vem, aos pés rojar-te
Corôa de lirios que a virtude guarda,
Argentea corôa que a nobreza ostenta;
Uma que nasce quando nasce a vida
E morre ás auras tábidas do vicio;
Outra que arrasta na vaidade immersos
Homens, que vendem por um preço indigno
De suas filhas innocencia e... corpo.
Arranca o diadema que me insulta
Na fronte pura a virginal capella,

Cospe-lhe escarneos, vinga-te da affrònta!

Desfolha as rosas do pudor... são tuas!

Que saiba o mundo, como nós sabemos

Morrer para gozar, morrer de amores! »

« Oh! Lidia, Lidia! exclama, e de joelhos

O pobre Ervino cae silencioso.

. . . .

. . . .

V

Silencio fôra, que duráta eterno
Se um grito d'alma o não interrompêra.
Era a donzella que avistado tinha
Proximos faxos acclarando o valle.

«Ervino, Ervino, o conde nos persegue;
Salva da infamia a tua pobre Lidia!
Meu Deus, piedade!» murmurava a triste,
E aos ceus erguia as suas mãos de neve.

«Meu Deus, piedade!» repetia Ervino,
E um brado monstro lhe saiu do peito.

« A morte! » disse e apontou as aguas,
Que o vento agora baloiçar fazia.

« Ervino, Ervino, eu vou morrer comtigo »
Murmura a virgem. E abraçados ambos
Vão os amantes sepultar-se unidos
N' essa corrente que seus pés banhava.
« Oh Lidia, um beijo! » disse o desgraçado.

Fôra o primeiro e o derradeiro fôra.
Cantava o gallo na visinha aldeia.

VI

Ainda agora, dizem tel-os visto
Em muitas noites, de joelhos ambos
E abraçados 'starem longas horas.
A' meia noite, quando o gallo canta,
Ouve-se um beijo, que nos ares sôa,
Depois o choque de dois corpos n' agua.

..... 1853.

?...

A M. DE M.

Este amor, que amor gerára
N' ess' alma, que tanto amei,
Este amor, chamma do inferno,
Amor, amor... Nem eu sei...
Mentira, que em sonho nasce
E cresce e vive — existiu?
Esse terno sentimento,
Essa *verdade* — mentiu?

— E mente.

Mulher ou anjo, que vérte
O pranto que chora a dor;
Que, entre lagrimas sorrindo,
Jurára amor por amor;

Mulher ou anjo que firma
Um juramento, — fingiu?
Esse terno sentimento,
Esse amor — nunca sentiu?

— Nem sente.

Meu coração era o bronze,
Que dourára uma illusão;
Aqui brilhavam teus olhos,
Reinava o teu coração;
E veio a deusa das maguas
Chorar sobre elle; — chorou!
Veio o demonio dos zelos
Roubar-lhe o ouro; — roubou!

Ficára o bronze despido,
Escarneo do temporal;
E o açoite da procella
Volvêra negro o metal;
Em vez do ouro, cubríra-o
Veneno de verde cor;
O rancor vive no peito,
Onde vivêra o amor.

Um sentimento, que nasce
E cresce no coração;
Um sentimento, que morre
Quando morre uma illusão;
Que dá mentiras douradas
A quem mentiras lhe dá;
Esse presente do inferno,
Amor, amor — onde está?

Pallida estrella, nem brilha,

Que mentira o brilho seu!

Pallida estrella! Nascêra?

No ceu brilhára? morreu?

— Se nasceu, nasceu comigo;

Se viveu, não vive ja;

Se vive ainda, que importa?

Se não morreu, — morrerá

SONHAVA...

Nem as lagrimas. . . . .
Quebram o sello do túmulo.

C. Castello-Branco.

Irmã! era alta noite. Eu fui sósinho,

Com sancta devoção,

Prostrar-me junto á cruz do teu sepulchro,

Rezar-te uma oração.

O mocho, n'alta cima do cruzeiro,
Com lugubre piar
Contava as tristes lagrimas sentidas
De meu triste chorar.

O vento pela rama do arvoredo
Soprava com furor;
Nem uma estrella, só, cortava o espaço,
De negra, horrivel cor.

E eu só, prostado junto do sepulchro,
Rezava uma oração;
Pedia a Deus a irmã, um só instante,
Ao menos em visão.

E, apoz um breve espaço, a fronte pouso
Na pedra tumular,
E os tristes olhos cerro, ja cansados,
Cansados de chorar :

« Senhor! a minha irmã era na terra
Consolo á minha dor;
Morreu, meu Deus, morreu! tenho saudades;
Dexai-m' a ver, Senhor! »

. . . .

E vi-te, minha irmã! mostrára a lua
Seu pállido clarão,
Cessára o vento; estrellas mil brilhavam
Dos ares n' amplidão.

E vi-te, minha irmã! calára o mocho
Seu funebre piar.
Formosa, despertaste e vens sorrindo
Meus prantos enxugar.

E vi-te, minha irmã! serena a face
E pallida na cor:
« Irmão, disseste, irmão, eu venho dar-te
Consolo á tua dor! »

. . . .

Sonhava! não podem suspiros e prantos
Quebrar essa lousa, que está sobre ti!
Irmã, eu sonhava! Não podem meus cantos
Fazer-te do empyreo baixar até aqui!

UM DIA.

(ENIGMA...)

De manhã tive uma esperança,
De tarde tive um sorriso,
Tive á noite um juramento...
Em sonhos... o paraiso.

*
* *

Bella ondina, que se enrola
E o sol namora, louçã,
Era a esperança que eu tinha
Tão formosa de manhã.

E quando a vaga desprega
Os seios da cor da neve,
Nos aljôfares, que fervem,
Minh' alma sorrisos teve.

Tive á noite um juramento,
Venturas... que alma gozou :
— A ondina galgára a praia
E a triste concha affagou...

*
* *

No seio puro das aguas
Vem terra pesada e feia;
Fugíra a vaga e deixára
A concha... envolta n' areia.

SÚPPLICA.

Oh! de ton doux sourire embellis-moi la vie!
Le plus grand des bonheurs est encor dans l'amour.

V. HUGO, *Ode* 4, liv. 5.

A lua que preside aos nócteos canticos
E vai na escuridão rasgando o espaço,
Em rendas se rebuça por que a sombra
Não vá tocar-lhe a fronte meiga e pallida.

Assim te circumdaste de uma auréola
De amores, de belleza e de perfumes;
Estás no mundo só, e vais sem medo
Da fria escuridão das almas perfidas!

E's bella assim, mulher! — Se um riso candido
Aos labios te assomar, serás archanjo.
E's bella assim, mulher! dormem saudades
Nos olhos teus que embalas melancholica.

Oh! volve-os para mim! N'úm doce anhelito
Envolve um riso que de amores falle!
Eu hei soffrido tanto! Accorda, oh virgem!
E vem ao coração trazer-me o balsamo.

Eu hei soffrido tanto! Oh ser angelico!
Por um suspiro, só, eu fôra alegre,
E a propria dôr sorrira-se la dentro
Nos seios d'alma que affogára em lagrimas.

Archanjo do Senhor! as noites rapidas
Levaramos contando argenteas flores,
Que brilham la no ceu; — por cada estrella
Nós deramos um beijo... e assim morrêramos!

DESTINO.

A L. D.

Notre existence est un livre,
Qui nous tombe écrit des cieux.

MÉRY.

Cantou-me a desventura o genethlíaco
No berço reclinada,
E a pallida tristeza, a deusa pallida,
A nenia regelada.

No campo brotam flores de alva tunica
Singela revestidas,
E lês o seu destino sobre as petalas
De pallidez cingidas.

A brisa, que perpassa melancholica,
Lhes vai mostrando a morte;
E n'harpa gemedora, em sons propheticos,
Prediz a triste sorte.

Assim tive na vida um canto funebre
De funebre alaúde;
E vai assim, sereno e triste, o cantico
Do berço ao ataúde!

Em sonhos de innocencia, anjo phantastico
Eu vi mostrar-me flores;
Dos labios desprendendo um riso candido,
Fallar .. fallar de amores.

Sonhei !... Cantou-me a dor o genethlíaco
No berço reclinada,
E a pallida tristeza, a deusa pallida,
A nenia regelada.

VENCI?

Meu anjo, lembras-te de hontem,
Quando a rosa a furto e medo
Ouvia o nosso segredo,
Pedindo que não lh' o contem,
Porque a aragem caprichosa
Lh' o roubaria, e a rosa
Nos perdêra — a ti e a mim?
— « Lembro-me, sim.

Ouviste os labios, tremendo,
— Partindo antes de nascida
A confissão impellida
Do peito que estava ardendo,
— Perguntarem se amarias
Quem te amasse; — e tu dizias...
O que dizias, Ignez?
— « Disse... talvez.

E tu ouviste sorrindo
O que eu disséra chorando;
E o meu amor, saudando
O teu sorriso bem vindo,
Pediu que um beijo me desses...
Oh! que beijo, se o quizesses!
Que te disse o coração?
— « Disse que não.

Disseram que não teus labios,
Porêm os olhos inquietos,
Por serem menos discretos,
Deram prova de mais sabios.
Quando a sua chamma viva
Desmentiu a negativa,
Que disseste, Ignez, em fim?
— « Disse... que sim.

E vieste dar-me o beijo,
Com que sellaste uma jura;
Mas inda a minha ventura
Não egualava o desejo
Por ser minha, quererias
Ser inda livre?... E dizias...
O que dizias, Ignez?
— « Disse... talvez.

E depois, quando me ardia,
No peito, mais vivo o fogo,
Por não ceder a meu rogo,
Prometteste de — se um dia...
— « Se um dia me não amasses,
Ser tua — se o confessasses. »
Por amor... disseste então...
— « Disse que não.

Pois venho aqui, animoso,
Confessar que te não amo!
Que adoração ora chamo
Este culto respeitoso.
Não te voto amor agora;
Que não ama quem te adora!
Sim, ou não? Venci alfim?
— « Acho que sim.

AS FLORES.

A M. DE S.

Era n' um lago inquieto; o cysne altivo,
Rasgando o seio da encrespada vaga,
Conduz a flor, a quem de longe a morte
Accena triste, ou a esperança affaga.

De lá — margem risonha e doce e bella,
Bem qual o amor nos sonhos do poeta;
De cá — praia gigante e magestosa,
Como deve de ser do grande a meta.

De lá — brilhante o sol, aqui — de fogo,
De lá — pallida a lua, aqui — mais terna,
De lá — as estações, matiz do tempo,
Aqui — a primavera a rir-se eterna.

Um dia desprendeu-se da hastea amiga
Um lirio, que rolou da praia ás aguas;
Vagou, chegou á margem das grandezas,
Tremeu, chorou, sorriu de gozo e maguas.

Vivia ali a flor das formosuras,
Sonhada imagem de pintor ou bardo,
Guardando a filha nos affectos d' alma,
Como o segredo do que sinto eu guardo.

Eram ali. O lirio, que a saudade
De prantos orvalhou, viu-as um dia,
Olhou-as atravez da ultima lagrima :
— A mãe estava serena, a filha... ria.

Depois...—Deus que os uniu, que poz o lirio
A salvo da tormenta, ao pé da rosa,
Bem sabe quanto amor foi nos sorrisos
Da pequenina flor... — fêl-a ditosa.

SEMPRE!

. . . .

E vem as dores
Para minh' alma,
Como as estrellas
A' noite vem;
Surge a primeira
E apoz instantes
Milhares d' ellas
O espaço tem.

Si cada estrella
E' fonte em brilhos,
Por onde, em calma,
Se esparge a luz,
São meus pesares
Ardentes feridas,
Por onde est' alma
Pranteia a flux.

Demonio bello
Sorve-me o pranto
Por lábio puro
De anjo ou mulher,
E vai depol-o
Nos olhos d' ella,
Que, negro, impuro,
Dá-m' o a sorver.

E'-te a minh' alma
Um purgatorio
Onde o veneno
Tu vens despir,
Porque mais tarde,
Ja pura, em seios
De amor sereno
Possas dormir.

Que importa um riso,
Que vale o pranto,
Mesmo o remorso
Que vale em fim?
Se eras demonio,
Ficas archanjo;
Se eu me retorço
No abismo assim!

Ergue-te ao menos,
Embora eu role
Do ceu ao inferno,
Do inferno á dor!
Ergue-te ao menos...
E não me olvides
No gozo eterno
Do teu amor!

Embora arraste
Pesada a vida,
Que a magua ardente
Me envenenou,
Eu não sou aspide
Que ao pé se enrosca
Do imprudente
Que a espesinhou.

Serei o escravo,
Que do tyranno
A mão affaga
E o seu grilhão;
Serei o arbusto
Que odores solta
Se em terra o esmaga
Negro aquilão!

Mas não me olvides!
Que embora eu role
Do ceu ao inferno,
Do inferno á dor,
Ha de seguir-te
Meu pensamento,
Phantasma eterno
Do nosso amor!

DESENGANO.

Factus sum peregrinus... et quæsivi
qui simul contristaretur, et non fuit.

Tu eras como a brisa fugitiva,
Que vai por entre as flores
Mentir um beijo, murmurando triste
Seu cantico de amores.

Tu eras como a deusa dos amantes,
Que pelo ceu escuro
Perpassa em branca auréola envolvida,
Guardando o seio puro.

Tu eras toda amor, toda belleza,
Que amores te guardavam;
E os olhos teus, volvendo descuidosos,
Os nossos captivavam.

Mas foste como a sombra! em quanto, louco,
Segui meu ledo encanto,
Fugindo-me sorrias desdenhosa,
Porque eu te amava tanto!

E quando fatigado me sentára
Na estrada que seguia,
Ouvi o labio teu soltar um hymno,
E vi que me sorria.

E creu-te o coração! erguendo o vôo,
Seguiu seu ledo encanto;
E eu, cego! caminhava atrás do louco...
Mas se te amava tanto!

Ai, cego, caminhei! O desengano,
Severo e tardo amigo,
Achei-o ja no templo... junto a um homem
E um padre... e Deus comtigo!

E, só, embalde lagrimas piedosas
Peço ao mundo que adoras!
Só tu me adivinháras os queixumes...
E tu, mulher, não choras.

DOIS ANJOS.

CANÇÃO.

Un ange est dans ma nuit

V. HUGO, *Odes*, liv. 5.

Um só existe, na terra,
Dos dois anjos que eu amei;
E' quem me ampara na lucta,
Que com a sorte travei.

E' quem me ampara. — Meu anjo,
E's, n' este cahos de horror,
A minha fanal estrella,
O meu deus, o meu amor.

Quem eu sou não sabe o mundo;
Nem queiras sabel-o, não?
Que importa á rôla, que vôa,
O verme que está no chão!

O homem que, mudo e quêdo
Sobre a rocha, estatua em pé,
Contempla um astro, — donzella,
Pergunta o astro quem é?

Nem a lua casta e pura,
Que adoram tantos mortaes,
Como tu, virgem, pergunta
Qual d' elles a adora mais.

Tu és pois a minha estrella,
A minha estrella polar,
Eu sou... um homem que passa,
Que vive por te adorar.

Tu só existes, na terra,
Dos dois anjos que eu amei;
E's quem me ampára na lucta,
Que com a sorte travei.

Se tive outro anjo formoso,
Se tive outro anjo... morreu!
E'-me estrella veladora,
Mas essa... brilha no ceu!

1856.

VIVE!

> Quest' anima gentil che si diparte,
> Anzi tempo chiamata all' altra vita.
>
> PETRARCA, *Son.* 24.

Oh virgem! como a flor dormindo á borda
Do campo, junto ao mar,
Sonhando amores, ri-se e não accorda
Da vaga ao murmurar,

Tu vives reclinada no sepulchro,
Que a dor te prometteu;
E dormes e sorris um riso pulchro,
Sonhando-te no ceu.

Eu quero ver-te assim. És bella, és bella,
Eu quero ver-te assim!
Não tombes, anjo meu! o sol e a estrella
Não morrem, não tem fim.

E' triste a sepultura! se tem flores,
E' sobre a pedra, só;
Lá dentro nem ha luz, nem tens amores,
Tens cinza e terra e pó!

Repousa a face aqui. A meiga pomba,
Que pelo espaço vae,
Se o tiro a fere, vôa e vôa... e tomba,
Mas entre flores cae.

Eu quero ver-te assim! Alva saphira
Que á noite vive e luz,
Se o dia vem matal-a... oh! não expira,
Vae viver entre a luz.

Não tombes, anjo meu! Se no horisonte
O sol tocando vês,
Apoia-se n' um raio e galga o monte,
Mas renasce outra vez.

Repousa a face aqui. És bella, és bella,
Eu quero ver-te assim!
Ai vive, archanjo meu! o sol e a estrella
Não morrem, não tem fim!

SILENCIO!

Imitação do hespanhol.

Tua voz argentina, roçando em minh' alma,
Prazer e doçura
Voando me deu,
E em melico sôpro senti essa calma,
Que amor, em meu peito,
Sublime verteu.

O que ha n'este mundo que deva egualar-se
Aos doces encantos,
Que n' alma resumes!
Que bardo ao ouvir-te deixou de inspirar-se
Nas flores que o labio
Desparge em perfumes!

Mas ai! que meus sonhos, de meiga tristura,
Enganam se offerecem
A paz do amor;
Debalde procuro sonhada ventura,
Que as pênas extinga,
Que rasgue esta dor!

Errante no mundo, qual orpham perdido,
Meus ais e queixumes
Recolhe-os a brisa;

E embalde eu anhelo que um ente querido
Me doure a existencia
Que, negra, desliza.

Se tu me sorríras, archanjo mimoso,
Rasgára-se a treva
Da aurora ao sorrir;
E o sol do passado, morrendo invejoso,
Deixára os espaços
Ao sol do porvir!

Mas ai, desventura! que eu sei que deliro,
Eu sei que não posso
De amores fallar-te!
Ao menos recebe meu terno suspiro,
Que as rosas d' est' alma
Não posso offertar-te.

Silencio! teus labios não fallem agora,
Se os labios affirmam
O mudo — talvez —;
Prazeres que matam noss' alma, senhora,
Não devem sentir-se
Siquer uma vez.

SONHANDO.

. . . . C'est elle
Qui fait dans le sommeil veiller l'âme immortelle.

É. Deschamps, *Rom. et Jul.*

As cordas da minha lyra
São presas no coração,
Como os teus cabellos de ouro
Pendentes da fronte vão.

Se alegre vôas, fingindo
No jardim inquieta flor,
Na trança dedilha a brisa
Hymnos de festa e de amor.

Mas, se triste a face inclinas,
Donde a côr perdida está,
Nos lassos fios dourados
Gemidos a brisa dá.

Assim a lyra ja frôxa,
Que outr' ora cantou feliz,
Um só dos hymnos festivos
Em vozes de amor não diz.

Se quero roubar-me ás dores
E scismar no que eu gozei,
Ai... fecham-se os olhos d' alma
E sonho... Sonho, bem sei!

E vejo-te á beira Lima...
Se a vista no rio tens,
Choram as rosas, carpindo
Os teus amargos desdens.

Mas, se um riso lhes concedes,
D'aquelles que eu te pedi,
Fogem as aguas, gemendo
Saudades que tem de ti.

Se a face, vergando a amores,
Tu pousas nos labios meus,
As rosas, pendendo o calix,
Murmuram zeloso adeus.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

E eu deixo-me arder em fogo,
Puro fogo que ateei...
E durmo em extasi aerio...
E sonho sempre... bem sei!

POIS SIM...

Je te donne à cette heure,
Penché sur toi,
La chose la meilleure
Que j'aie en moi!

VICTOR HUGO, *Voix intérieures*.

'Não quero o teu amor; do que eu desejo
'Bem pouco me darás.,
«Dar-te-hei no coração, que aos pés te rojo,
«Ventura, amor e paz.

«Silencio, minha bella! a negativa,
«Que o labio desprender,
«Algema-a o coração. Crê que te adoro,
«Depois... has de ceder.»

'Não cêdo! que perdida, a sós no mundo
'Ha tanto, busco em vão
'Um peito em que repouse! Estou cansada!,
«Ahi tens meu coração.

«Pastorinha do valle, buliçosa,
«A relva contemplou,
«Tapete de esmeralda, que a sentar-se
«A bella convidou.»

'Por baixo da macia verde planta
'Quem sabe se estará
'Um cardo arranhador, que á pastorinha
'Cravar o espinho vá!,

« Assim pensára a linda camponeza;

« Vacilla... e teme a dor. »

' E' justo que não dê ao cardo um gozo,

' Se o negar ao pastor.,

« Levanta-se um combate entre o desejo,

« E o medo de se ferir;

« Appellam para o arbitro, que deve

« A lucta decidir.

« Propensa á affirmativa a pastorinha,

« Que é victima e juiz,

« Deseja... vai sentar-se...» — ' Mas o cardo!,

« Receia... e nada diz.

« Pretende um passo dar... ai! Foi um grito...

« Depois disse: — talvez. »

' Ai, pobre pastorinha! eram espinhos

' A magoar-lhe... os pés!,

« Venceu ! » ‘Quem?, « O desejo. Abraça a relva... »

‘E o resto?..., « Não direi... »

‘ Dormiu? sonhou? soffreu? estava agitada?,

« Silencio... eu cá não sei. »

‘ Oh! dá-me o teu amor!, «E dás-me um beijo?»

‘ E o cardo?...,«E o sonho?...»‘Enfim...

‘ Mas guardarás segredo?,«Guardo...e agora?»

‘ Queres?, « Quero ! » ‘Pois sim.,

RECORDAÇÕES.

> Era bello esse tempo da vida
> Quando est' harpa fallava de amores...
>
> A. Herculano.

I

Perdidos restos apenas
De amenas canções d' outr' ora
Agora, quebrada a lyra,
Suspira saudosa assim;

E embora que no horisonte
Desponte placida a aurora,
Embora! minh' harpa, triste,
Se existe, pranteia assim :

II

La vae correndo ao largo,
Amargo, o som do canto,
Que em pranto a face linda,
Lucinda, te orvalhou;
La vae, la vae perdido
Gemido de agonia,
Que envia a dor que mata,
Ingrata, quem te amou.

Que importa pois que a vida,
Transida de amarguras,
Venturas não aguarde
E guarde a sua dor!

Ninguem lhe escutaria
Um dia o seu queixume;
Ciume, que a roçára,
Crestára lhe o verdor.

Mas lembro que á tardinha,
Sósinha passeando,
Deixando o passo incerto
Vir certo para mim,
Sorrias quando a rosa,
Raivosa por inveja,
Te beija o pé ousado
Entrado no jardim.

E lembro, quando a lua
Fluctua pelo espaço,
Que, o braço rodeando
O brando corpo teu,

Pendia-te o cabello
No bello peito inquieto,
Que o veto punha eterno
No terno candor seu.

E vejo, alem na balsa,
Que a salsa verde-esmalta,
Mais alta que a alaméda
A méda que eu ergui;
A' sombra do centeio,
No seio, ao meu casado,
Vedado embora aos beijos,
Desejos accendi.

Fechando os olhos vivos
Captivos de ternura,
E a pura face, ardendo,
Pendendo para o chão,

Tentavas defender-te,

Vencer-te, que, vencida,

Perdida te suppunhas...

... E oppunhas força em vão...

Depois... silencio tudo,

Que o mudo arfar da brisa

Desliza, vagaroso,

Meu gozo á bafejar...

Depois... silencio ainda,

Lucinda, em quanto airosa

A rosa, que insultaste,

Deixaste levantar!

III

E quando a aurora, desdobrando o manto,

Que em meiga luz sepulta

As lucidas estrellas,

Te visitára o leito, — viu que o somno

Os olhos teus occulta

E prende as fórmas bellas.

E quando o sol, erguendo a face altiva,

Que doura o céu cerúleo,

Te foi beijar ditoso...

Viu-te nos braços de um rival ousado,
A quem de amor o ecúleo
Fôra throno de gozo!

. . . .

. . . .

IV

E como lembrança apenas
De amenas canções d' outr' ora,
Agora minh' harpa, triste,
Se existe, pranteia assim :

Ai! minha rôxa saudade!
Quem ha de sarar-te as chagas,
Se esmagas todo o desejo,
Que vejo nascer em mim!

ELEGIA.

A' MEMORIA DE J. DE PINHO E CAMPOS.

Moi, ma douleur m'éprouve et mes chants viennent d'elle.
Je souffre et je console, et ma muse fidèle
Se souvient de ceux qui sont morts.

V. HUGO, *Ode* 4, liv. 4.

La quando a aragem murmurar um cantico
De ciciante rima,
Accorda, amigo, porque vem da patria,
Ai, vem do nosso Lima!

E quando a aurora te orvalhar o túmulo,
Colhe o pranto amargoso;
La tens dois anjos a carpirem maguas
E tens o irmão saudoso.

I

Vês, amigo, o sol no occaso?
Deixa-o descer. Vê-o agora:
Nasceu, viveu e o que fôra
Ja não é. — Morreu acaso!

Morreu! E a dor e a alegria,
Que dourou com sua gloria,
Tem uma data na historia
Presa á pagina do dia.

E quando volver a idade
No livro mais uma folha,
O pranto, que então a molha,
Marcará nova saudade.

II

Como da arvore, na serra,
As folhas, que se desprendem
E pela terra se estendem
Até se fazerem terra,
Gozam do orvalho saudoso,
Que das irmãs vae caindo,
Té que estas, o chão cubrindo,
Lhes roubam seu triste gozo;
Assim na campa um amigo
Os nossos restos orvalha,
Té que a morte os seus espalha
Junto do nosso jazigo.

III

Era ao morrer da tarde;
O ceu ia trocar o manto azul
Por esse pardo, que lhe dava a noite,
Ao bafejar do sul.

Alem no occidente
As nuvens se accastellam; e o vapor
Negro na base, tem soberba corôa
De purpurina cor.

A mão da Providencia
Parece que uma brasa collocou
N'um mausoleu de cinzas, — epitaphio
Do que ali se queimou!

E como se consome
Da fria sepultura o — aqui jaz —
Vai o sol retirando o igneo braço,
Que arder a nuvem faz.

VI

. . . .

. . . .

« Eu vou deixar a patria! » Era a saudade
Anticipando as dores.
« Eu vou deixar familia e ceu e terra,
« Terra dos meus amores.

« E vejo alem, por cima do horisonte,
« A perpassar a sorte;
« E' ella quem me chama, e vou e creio
« Que diz ventura ou morte!

«Oh mãe! tu que do ceu me tens guiado,
«Estrella bemfazeja,
«Diz se a desdita n' essa nuvem paira,
«Ou se a fortuna adeja;

«Que eu vou deixar a patria!» Era a saudade
Gemendo prematura.
E assim gemêra o Lima que deixava
Dos campos a verdura.

—Irmão, eu vou tambem! Vê no horisonte
A nuvem que se augmenta;
Metade é cor de púrpura e tem sangue,
Metade é pardacenta.

— Quem sabe qual de nós terá na vida
O fogo que alem arde,
E a qual se desfará cedo a existencia
Como ao vapor da tarde!

V

E quando ao nascer d' alva
Soprou brisa do norte,
Nos braços do oceano
Puzemos vida e sorte.

E como a vaga, que se embala e dorme
E vae, no resvalar, de praia a praia
Um gemido quebrar:
Assim dormiu a dor em nossos peitos
E, quando o coração viu terra estrànha,
Sentiu-a despertar.

Porque choraste, amigo!
Pensavas que a desdita

Te roçaria n' alma
A su' aza maldicta.

E como o lirio que vergando o calix,
Verte o rocío que espargíra a aurora,
E ri-se ao pôr do sol;
Seccou-te o pranto e predisseste um gozo...
Mentiu-te a prophecia! foi-te o riso
Vespertino arrebol.

Longe da tua patria
E longe da familia,
Tiveste uns olhos bellos
Dourando-te a vigilia.

Como a estrella, que accende o pyrilampo,
Brilha n' outro hemispherio, quando a aurora
Ao verme rouba a luz,

Fugíra o teu archanjo e foi sorrir-se,
Em quanto sôbre um leito de agonias
Se pendurava a cruz!

VI

E assim morreste, amigo
E assim pendeste a fronte;
Bem como a nuvem aurea
Se affoga no horisonte!

*
* *

E quando a aragem murmurar um cantico
De ciciante rima,
Accorda, amigo, porque vem da patria,
Ai! vem do nosso Lima.

E quando a aurora te orvalhar o túmulo,
Colhe o pranto amargoso;
La tens dois anjos a carpirem maguas
E tens o irmão saudoso.

A UMA ARTISTA.

Bem póde a rosa
Formosa,
De seus encantos vaidosa,
Morrer aos raios do sol;
Bem póde a estrella,
Que véla
Os cantos da philomela,
Sepultar-se no arrebol.

Mas tua gloria,
Que a historia,
Da sua eterna memoria
Gravar nas paginas vi,
Não ha um genio,
Que premio
Conquistasse no proscenio,
Que venhar roubar-t'a aqui.

E póde a saphíra,
Que fulge nos ares,
Morrer offuscada
Por humido veu;
E póde a florinha,
Que as auras saccodem,
Dar folhas á terra,
Perfumes ao ceu.

Não ha de a inveja,
Que beija
A poeira em que rasteja,
Erguer a face do chão!
Tinhas tu, por castigal-a,
Um povo que a ti vai preso:
Tinhas a dar-lhe o desprezo
A piedade... e o perdão!

M·

Da

Gra

N

Co

Qu

CREDO.

CANÇAO.

Car jusques à la mort nous espérons toujours.

ANDRÉ CHÉNIER, *l'Aveugle.*

A ti, meu anjo, no scismar da noute
Vôa minh' alma.
Quebro a catasta, despedaço o açoute,
Regeito a palma!

Martyr da sociedade,
Esqueço-a por lembrar-te;
Na imagem da saudade
Embora, eu hei de amar-te.

A ti, meu anjo, no volver das horas
A alma esvoaça,
Quando ao Eterno para mim imploras
Contra a desgraça.

E a virgem da saudade,
No meu sonhar eterno,
Mistura a mocidade
Aos gelos d' este inverno.

Qual a florinha, que o tufão abala,
Vae á flor d' agua,
Voga a lembrança, que o passado embala,
Sôbre esta magua.

Do amor e da amizade
Ficou toda a memoria
Na estatua da saudade,
Na lapide marmórea.

A ti, meu anjo, no scismar das horas
Vôa minh' alma;
Sonho, mas creio, que por mim imploras
Placida e calma.

O escarneo, embora, na minh' alma triste
Verta a esperança no sorriso trédo;
Lembro o passado, — e no futuro existe
De amor o credo!

A UM POETA.

È dolce al misero,
Che oppresso geme,
Il duol dividere,
Piangere insieme,
In cor sensibile
Trovar pietà.

Semiramide, att. 1, sc. V.

Que trovas sobem da terra
Nas azas da viração?
Rasgando o seio das nuvens,
Aos ares soltando vão

Em cada nota um gemido,
Uma dor de um coração!
E quantas maguas traduzo
Em cada terna canção!

Mancebo, se ao mundo contas
O pungir da tua dor,
Sorri-se o mundo e duvída
Que tanto soffra o cantor.
Poeta, se vais á lua
Fallar-lhe do teu amor,
A lua perpassa altiva,
Nem sorri ao trovador!

Se vais, da rocha suberba
Que se eleva junto ao mar,
A's vagas, que á praia morrem,
O teu segredo contar;

Altivas erguem o colo
E vem a rocha assoutar;
Que as vagas não se commovem
Ao teu sublime chorar.

Se vais ao prado florído
Contar á branca cecêm
O soffrimento do vate,
As dores que n' alma tem;
Sórri-se leda a açucena
E diz que soffre tambem:
« Se chóro pranto amargoso,
Chorar comigo quem vem? »

Irás, poeta, que deves
Consolar a triste flor;
Que sabe a pobre innocente
Comprehender a tua dor;

Que foi mulher desgraçada,
Lindo archanjo do Senhor,
Contar á bella açucéna,
Segredos de um triste amor!

RECORDA!

(DE A. DE MUSSET.)

TRADUZIDO VERSO POR VERSO E NO MESMO METRO.

Lembra-te sempre, quando a aurora timida
Ao sol franqueie as amplidões do ceu;
Lembra-te sempre quando a noite languida
Passe, dormindo, sob o argenteo veu;

E ás vozes do prazer, que ao seio teu palpite,
E á noite, ao meditar que a sombra n'elle agite,
Escuta no arvoredo
A voz que diz a medo :
— Recorda!

Lembra-te sempre, quando a sorte pallida
Me arroje ao longe — e, separado assim,
Quando no exilio o soffrimento livido
Me rasgue o peito,—lembra-te de mim!
Medita em meu amor, no adeus extremo pensa!
Do tempo o decorrer não vale quando ha crença.
Meu coração saudoso
Dirá no arfar queixoso :
— Recorda!

Lembra-te sempre, quando, em frio túmulo,
Gelado o peito que te amou dormir;
Lembra-te sempre, quando as alvas petalas

Venha na lapide a florinha abrir:
E eu não te verei ja! porêm minh'alma eterna
Pousar ao pé de ti virá qual irmã terna,
E á noite o murmurinho
Segredará baixinho:
— Recorda!

LUCIA.

Imitação do francez de Alf. de Musset.

AO EX. CONSELHEIRO J. F. DE CASTILHO.

Plantai, amigos, um chorão saudoso
Junto da pedra que me guarde as cinzas;
Amo a tristeza, que lhe vérga as folhas,
E as doces lagrimas.

Ligeira sombra, que desdobre eterna
Defeza aos raios, que do sol baixarem,
Seja da lousa a perennal roupagem
E o manto funebre.

*
* *

Era á tardinha quando, a sós comigo,
Pendendo a fronte, no scismar de virgem,
Lucia tremia no teclado eburneo
Leves murmurios.

Brisa ligeira — que, roçando apenas
Sôbre a folhagem que adormece as aves,
Teme accordal-as, — não será mais doce
No canto rapido.

Tenue volupia, que de noite impera,
Do roseo calix nos odores foge;
Os verdes ramos vagarosas movem
Antigas arvores.

Pelas janellas, que o jardim contemplam,
Por onde os astros namoravam Lucia,
Bafeja o campo solitario e triste
Perfumes tepidos.

Quinze florinhas da grinalda nivea
Marcam seus annos, que deslizam brandos;
Pallida e loura, n' um olhar espelha
O azul da abóbada.

Quanta pureza lhe habitava n' alma
Pendendo a fronte no scismar de virgem!
Na mão pequena, que invejavam lirios,
Pousei-lhe um osculo.

Senti, ao vêl-a, que mitiga as dores
Abril na face, primavera n' alma,
Symbolos gemeos que a innocencia douram
E a paz angelica.

A' luz de um raio, que vertêra a lua
E lhe argentára a pallidez do rosto,
Lucia mirou-se nos meus olhos ternos
E deu-me um cantico.

. . . .
. . . .

Oh filha do soffrer, doce harmonia!
Verbo que para o amor creára o genio
Que a Italia aos homens dá e o ceu á Italia!
Linguagem d' alma, aonde o pensamento,

Timido archanjo de um alvor perigoso,
Adeja erguendo o veu sem medo ao mundo
—Quem sabe o que a innocencia diz e escuta
N' um teu suspiro, que do seio exhala,
Nascido d' alma que a tristeza habita,
Fallado em vozes que a doçura espargem!
N' um volver d' olhos, no assomar do pranto
Vê-se uma lettra; mas depois... Misterio!
Como o segrêdo do gemer das ondas,
Salmear do bosque, solidão da noite.

E ali, sósinhos, contemplava Lucia;
E o som do canto se enroscára ás nuvens,
Emquanto a face no meu peito inclina.
— Gemeu Desdémona eu teu seio acaso?
Pobre innocente, que choravas tanto,
Deixaste o labio meu tocar teus labios,
E a dôr do coração calou-te o pejo.

Placida e fria, como te abraçára,
Passados dias te escondêra a lousa...
E assim pendeste, flor da castidade!
E a morte, doce qual te foi a vida,
Levou-te a Deus em berço de açucenas.

Lêdos mysterios que a innocencia goza,
Canções, sonhos de amor, sorrir da infancia,
E tu, encanto d' alma que prendeste
O Fausto ao liminar de Margarida,
Candor da puberdade! — onde vos guarda
O vosso archanjo pallido?

Paz a tu' alma, Lucia! adeus! Bem cedo
A tua mão de neve sobre as teclas
Deixou de voltejar, bordando um hymno!

*
* *

Plantai, amigos, um chorão saudoso
Junto da pedra que me guarde as cinzas;
Amo a tristeza que lhe vérga as folhas,
E as doces lagrimas.
Ligeira sombra, que desdobre eterna
Defeza aos raios que do sol baixarem,
Seja da lousa a perennal roupagem
E o manto funebre.

A LAGRIMA.

Como a gota de orvalho se pendura
Na folha d' arvore, aguardando o beijo
Das auras, sonoroso,
Assim na mole palpebra
Debruças uma lagrima,
Que espera o labio meu, no puro almejo,
Sorver ditoso.

Como a gota de orvalho se desprende,
Da folha, sôbre a rosa purpurina
E aguarda a mariposa,
Assim na face candida
Se deslizou a lagrima,
Que vai no labio meu, perla divina,
Dormir ciosa.

E como o pranto d' alva se desprega
Da rosa, na papoula que se agita
E aguarda o sol ardente,
Assim no seio timido
Se te escondeu a lagrima,
Que o labio meu deseja, Morenita,
Sorver contente.

Mas não sou brisa
Nem mariposa,

Que agite a folha
Que beije a rosa;
E em fogo os labios
O sol não veste,
Que das papoulas
O orvalho créste;
Sou teu escravo!
— De amor e medo
Me escondo á sombra
Do meu segredo.

VOA, SAUDADE!

NO ALBUM DE A. G. DE G. F.

Mas a alma, que de cá vos accompanha
Nas azas do ligeiro pensamento,
Para vós, aguas, vôa e em vós se banha.

CAMÕES, *Sonn.*

« Saudade! gôsto amargo de infelizes, »
Pallida virgem que do Sêna ao Tejo
Um bardo conduziste em doces maguas!
Desdobra essa aza que branqueia as dores!

Sorve-me a lagrima que espreita á palpebra,
Ultima perla de exhaurido cofre,
Gasto anodíno para as dores d' alma!
Sorve-a, saudade! e vai, rasgando o espaço,
Mergulhal-a nas aguas transparentes
Do patrio Lima, — Lethes de quem fica,
Mas não de quem se parte. Alva saudade,
Roça tu' aza que a esperança esmalta,
N' aquelle coração, por quem nasceste!
Oh! pede-lhe um suspiro! e quando a aragem
Vier da patria, voltarás com ella!
Ai... traze o pranto que me orvalhe os olhos
Cansados de chorar. — Vôa, saudade!
E pede-lhe um suspiro... Mas, se ao labio
O feio escarneo voltejar em risos,
— Quêda-te embora, que manchada e negra
Não quero ver-te, mariposa branca!
Fica-te embora! e para mim, saudade,
Lembra-me o Lethes, porque olvide o Lima!

MENTI!

A ***

Menti, menti... é verdade!

Nunca te amei... Foi mentira

O juramento que fiz!

Quando, aos pés de uma beldade.

O coração nos delira,

O que ali sente não diz...

Amei-te? Não, enganei-me;
Quiz dizer-te o que sentia
E tive medo de ti.
Ia dizer-t' o... calei-me,
Que o coração presentia
O abysmo, que estava ali.

Guardei no peito o segredo
E, por fugir-lhe ao martyrio,
Disse — amor — o coração...
Menti, menti... tive medo!
— Não é amor... é delirio
N' um fogo de adoração.

A ELISA.

VERSOS PARA UM DRAMA.

Ton souvenir sera, dans mon âme attendrie,
Comme un son triste et doux qu'on écoute longtemps.

V. HUGO, *Odes*, liv. 5.

Como o ribeiro, que desdobra rapido,
Ama da estrella o scintillar inquieto,
Amo teus olhos, que, no fogo timido,
Vem reflectir-se no sonhar dilecto.

Como na praia do areal um atomo
Ama das ondas o partir nevado,
Amo teus risos, que descobrem perolas
Dormindo em leito de setim rosado.

Como dos ramos no arquejar monotono
Ama a avezinha balançar-se á brisa,
Amei teu seio no palpite languido
Quando a meu seio te prendia, Elisa.

E como o bardo no sonhar phantastico
Ama a lembrança que levou da festa,
Adoro o sonho, que desparge balsamos,
Amo a saudade, que de ti me resta.

ANJO DA MORTE.

Sub umbra alarum tuarum protege me.

Se pairas sôbre mim, anjo da morte,
E queres conquistar-me,
Desce, que és anjo! e desmentindo a sorte,
Vem um anjo beijar-me.

Que eu nunca tive quem na terra, ao menos
Fingindo eterno riso,
Me transportasse dos jardins amenos
Ao roseo paraiso.

Que eu nunca tive, — pelo amor ignoto
Que vae aqui n' est' alma,
Mulher querida que, rasgando o voto,
Me não roubasse a palma!

Se pairas sôbre mim, anjo da morte,
E queres arrastar-me,
Primeiro que o teu braço me transporte,
Vem a fronte beijar-me.

E que o teu beijo, — sombreando a face
Que as lagrimas sellaram,
Me desfigure ê, quando o sonho passe,
Me occulte aos que ficaram.

Se pairas sôbre mim, anjo da morte,
E queres conquistar-me,
Desce, bem vindo! por dourar-me a sorte,
Virás, anjo, beijar-me!

PRANTOS.

N' UM ALBUM.

Petalas alvas ou purpureas petalas
Abre a florinha na manhã primeira,
Placida aurora, despargindo perolas,
Rega-lhe o seio que beijou fagueira.

E as brancas rosas que despertam languidas
E se esperguiçam respirando amores,

Sôem saudal-a em perfumados canticos,
Tacitos, bellos, como cantam flores.

Auras ligeiras perpassando timidas
Roçam-lhe a fronte virginal ainda,
E vão ao longe, dedilhando a cythara,
Dizer ao mundo que a innocente é linda.

. . . .

Todos saudaram a florinha candida,
Deram-lhe risos, murmuraram cantos,
Deram-lhe amores, espargiram perolas,
Deram-lhe beijos — e... levei-lhe prantos!

EMFIM!...

Quebraste emfim! — Vi-te erguida,
Como essa vaga vaidosa,
Que vem lamber a conchinha
Perdida em praia escabrosa,
E volta ao lago suberba,
Segredando ás outras vagas
Morta esperança da concha,
Que fica, só, entre as fragas.

Desdobram duas e muitas,
Sorrindo todas á triste;
— Perdêra-te ella dos olhos
E tu de longe inda a viste.
E vive a concha sósinha,
E espera, e espera... Coitada!
Que são as ondas voluveis,
Mente-lhe a phrase nevada!

E tantas passam, e tantas
A pobre concha namoram,
Que ella ama a que ora desdobra,
Olvidando as que ja foram.
Passára um dia uma perla
Fugida ao seio dos mares,
Sorriu-se á concha perdida,
Doeu-se dos seus pezares.

E em cima d' esse rochedo,
De verde musgo adornado,
A rosa dos puros gozos
Serviu de leito ao noivado...
E ja mais tarde, alta noite,
Ergue-se o mar, brame, avança...
Todas as vagas unidas
São uma só, na vingança!

Desdobra altiva, ergue o collo,
Rasga-se junto ao rochedo,
Salta-lhe a raiva espumante...

. . . .

Volve-se a concha sem medo,
E a pura flôr dos prazeres
Esconde mais um segredo...

. . . .

Quebraste emfim, como a vaga

Quebrou d' encontro ao rochedo!

HOJE...

NO ALBUM DE J. F.

Un jour de fête,
Un jour de deuil;
La vie est faite
En un clin d'œil.

MÉRY.

Marca a saudade, que a minh' alma sente,

Lagrima ardente que m' escalda a tez.

Hontem venturas — e a ventura passa;

Hoje... a desgraça e ámanhã, talvez!

Longe de tudo que n' ešt' alma cabe,
Tenho a saudade que d' ausencia vem;
Doces carinhos, que eu gozára outr' ora,
Teu filho os chora, minha pobre mãe.

Ja no reflexo da gentil miragem
Não vejo a imagem, que na infancia vi;
Não tem as aves, quando nasce o dia,
Essa harmonia que lhes conheci.

Não tem perfumes as florinhas bellas,
Nem vós, estrellas, para mim brilhais;
N' harpa da brisa ja não tenho um canto,
Só tenho pranto que me orvalha os ais.

Candida estrella da rosada aurora,
Annunciadora da feliz manhã,
Não vem saudar-me com sorriso pulchro
Junto ao sepulchro de chorada irmã.

Sôbre a muralha, que o meu berço encerra,
Echos de guerra para mim não são;
Nem ja me alinho nas gentis fileiras,
Sob as bandeiras que a victoria dão.

Terra dos Lusos, minha terra querida,
— Talvez perdida para o trovador! —
Patria, que adoro! se te adoro tanto,
Deixa que o pranto dulcifique a dor.

. . . .

Marca a saudade, que a minh' alma sente,
Lagrima ardente que m' escalda a tez...
Hontem venturas — e a ventura passa;
Hoje... a desgraça e ámanhã, talvez!

A VIOLETTA.

Sôbre açucenas e túlipas
Voltejavas — mariposa —
Causando invejas á rosa
E ciumes ao jasmim;
E voavas sôbre o córrego,
Que te não guardava a imagem,
Bem como tu, como a aragem
Nada guardais do jardim.

Empallidece o rainúnculo,
De pejo coram as murtas,
Não pedes o beijo, furtas,
Sorves, profanas sem dor...
E só te não sente o osculo,
Que a matára, — a violeta,
Que tu não vês, borboleta,
— Occulta aos raios de amor.

Que nem as auras voltigeras
Podem roubar-lhe o perfume,
Sem que tremam de ciume
As folhas de seu docel;
E nem o mimoso calice
Da lua o beijo recebe,
Nem o sol orvalhos bebe,
Nem as abelhas o mel.

E nem tu, formosa e perfida,
Lhe sorverás a belleza,
Nem a casta singeleza,
Que adivinhas e não vês;
— Modesta virgem defendem-na
Crenças n'um amor celeste,
E vive alegre, — mas veste
Das cores da viuvez.

ULTIMA CARTA.

A LUCIA.

(FRAGMENTOS)

I

. . . .

Passou a névoa que occultára a face
Ao astro rei. As auras fugitivas
O fogo lhe atearam.

. . . .

Depois espessa nuvem, que se agita,
No seio negro e horrivel traz o raio;
No ceu ennegrecido
Assopra o vento irado, em vez da brisa;
Ao astro rei um veu de escuro gaze
Esconde a face; e volve-se no espaço
Da procella o cortejo.

Em pardacento crepe disfarçado,
Possue a consciencia do exterminio
Que leva pelo mundo;
E em meio, recostado em negro carro,
O ígneo viajante
Ao homem poderoso, nos triumphos
Simelha e na vaidade.

. . . .

Pequeno e triste goivo, a flor das campas,

Tremeu, gemeu, rezou... Estalla o raio,

Dispára sobre a terra...

E a pobre flor, ao chão pendendo a fronte,

Suspira e reza e morre!

. . . .

II

Oh Lucia! eu vi neblina incerta e breve

No ceu da minha vida.

Aos olhos d' este amor, divinas auras,

Rasgando com su 'aza transparente

O seio da neblina e deslocando-a,

Mostraram mil venturas.

Oh Lucia! e vi no ceu medonha nuvem,

Tremenda annunciadora da borrasca,

No seio conduzir, pesado e negro,

O fogo do exterminio, o raio, a morte!

E vi seguir apoz a nuvem treda

Innumero cortejo de demonios;

E vi bater-se a hoste, ouvi-lhe o grito
Horrísono, medonho! e sobre o peito
Do triste, que procura em vão no espaço
O sol do teu amor, — senti rojar-se
O fogo do exterminio, o raio, a morte!

. . . .

III

. . . .

Eu era tão feliz! mas veio o mundo,
Suberbo de um poder que a si arroga,
Roubar-me o coração da minha Lucia!

Eu era tão feliz! O mundo egoista
Não quiz o teu amor, quiz o teu ouro,
E a sorte me invejou, não comprehendendo
Que eu dera a minha vida pela tua,
Não dera um dia só pela riqueza!

. . . .

IV

Dizer-te o que senti... fôra impossivel!
Lembranças d'este amor tão meu, tão puro,
Lucia, que importam?
Pallidas flores, pelo chão dispersas,
Do vento escarneo,
Ergue-as, se pódes, como eu pude estatua
Vel-as pender-se!

. . . .

. . . .

Dizer-te o que soffri. . fôra impossivel!
Mentiste, Lucia...
E a verde pagina do meu destino
Volveu-se negra!

. . . .

V

Traçado pela mão do infortunio
O quadro d' este amor, em negra tela,
Eu quiz deixar-t' o aqui. Lembrança eterna
Será do crime teu! Has de rasgal-o,
Terás de reduzir o quadro a cinzas,
Soltar a cinza ao vento... e, Lucia, um dia
Irás beijar-lhe o pó!... Hei de cantar-te:

« Lugubres cinzas pelo chão dispersas,
« Do vento escarneo,
« Ergue-as, se pódes, como eu pude estatua
« Vel-as rojar-se! »

A PERDIDA.

Vous ne la plaignez pas, vous, femmes de ce monde!
Vous qui vivez gaiement dans une erreur profonde
De tout ce qui n'est pas riche et gai comme vous!
Vous ne la plaignez pas, vous, mères de familles!...
. . . .

ALF. DE MUSSET, *Rolla*.

Pobre mulher! como chora!

Vinde vel-a... causa dó.

De tantas galas d' outr' ora

Nem uma lhe resta, só!

Estende as mãos e mendiga
A caridade christã;
Dai-lhe a esmolla que mitiga
O soffrer de nossa irmã!

Dai-lhe a esmolla de um carinho,
Uma palavra, siquer...
Ouro, não! ouro mesquinho
Que seduziu a mulher.

Ouro... não! Hora maldicta
Lhe sorríra o vil metal,
E no templo de Militta
Murchou-se a flor virginal!

Foi nas aras da vaidade
O vil premio consumir...
E cuspiu-lhe a sociedade
O seu amargo cuspir.

Quando pura, como a rosa,
O mundo infame a tentou;
Perdida ja, mas formosa
A sociedade... a gozou...

E pobre agora, abatida,
Nem um gemido lhe ouvis!
Deixam-n'a só! vai perdida
E a sociedade a maldiz...

Se a Babylonia corrupta
As filhas prostituiu,
Na face da prostituta
Nunca o escarneo cuspiu.

A Babylonia de agora
E' mais sensata e melhor!
Ironia! — Mulher, chora,
Ninguem vai sentir-te a dor!

A UM ARTISTA.

Nasceste em meio de festins e galas,
Entraste as salas ao deixar a infancia;
Rasgando o espaço, nos delirios d'alma,
Colheste a palma que sonhaste em ancia.

Depois subiste, quando á voz dos povos
Nos vôos novos te exaltou a mente,
Tribuno, a imprensa traduziu-te a ideia,
Rasgando a veia de um pensar ardente.

E quando d' arte franqueaste o trilho,
Ditoso filho de uma gloria infinda,
Fadou-te o ceu de inspiração brilhante :
Subiste; — ávante! subirás ainda!

Poeta, artista, defensor do justo,
Valeu-te o custo do talento a gloria.
A'vante, ávante, cólhe mais um louro!
Paginas de ouro te reserva a historia.

A' MORTE

DE

MARTINIANO BAPTISTA TEIXEIRA D'ALMEIDA.

> **Tenho pena... sou tão moço!**
> **A vida tem tanto enlêvo!**
>
> **C. DE ABREU, *Primaveras.***

Ai! vinte primaveras, que tombaram
De um vaso d' esmeralda, sôbre a terra!
Ai! vinte flores, que argentára o dia
E a noite sepulchral agora encerra!

I

Morrer é despertar? a vida é sonho?
A dor do moribundo é pesadelo?
A morte é somno eterno para o corpo,
Lançando o espirito n' um sonho bello?

O que é morrer, Senhor?—Quêda-te, verme!
Não tentes voltejar alem do mundo!
Morrer é dar á terra a cinza ignobil;
Morrer... é dar a vida ao moribundo!

—« Ai, não! a morte é negra! A mocidade
Tem flores no porvir, sol no horisonte;
Perpassa o vento, desfolhando as ròsas,
Desce a nuvem, ao sol toldando a fronte.

Eis a morte, Senhor! E' doce a vida,
E' cheia de illusões, bendicto sonho!
Se viver é sonhar, porque tão cedo
Mandas o despertar triste e medonho?

Mal era madrugada! o sol apenas
Franjára d' ouro as orlas da montanha;
A' florinha do val, que ia sorrir-me,
Mal o rocío d' arvorada banha.

Porque morrer, Senhor! quando meus olhos
Corriam pelo mundo da esperança!
Quando, guerreiro de futuras lides,
A's portas do saber ganhava a lança!

Porque morrer! E' cedo; aqui na terra
Tenho tantos amores que me prendem!
Tenho tantos irmãos; vê como choram
Ardentes lagrimas que o rosto fendem! »

III

Oh pobre mãe, tu, que do ceu contemplas
A dor dos filhos teus, vê que tristeza!
Tantos olhos que choram, tantos labios,
Onde referve a dor que n'alma peza!

Beijo de mãe, — primeiro que teu labio
Depoz em sua fronte, ao ver o dia,
Orvalhaste-o de pranto! — era o primeiro
Da rouxa viuvez e da agonia!...

Aqui — chorar da infancia — a dor da vida;
Ali — hymnos a Deus — da morte o canto;
O passado e o futuro, berço e túmulo!
Da mãe o riso, da viuva o pranto!

Nasceste assim, mancebo! era o destino
A demarcar-te a vida sobre a terra.
Foi rapida! Quem sabe quanta gloria
A lousa sepulchral agora encerra!

E chamaste-o, Senhor, quando seus olhos
Corriam pelo mundo da esperança!
Quando, guerreiro de futuras lides,
A's portas do saber ganhava a lança!

*
* *

Ai! vinte primaveras que tombaram
De um throno d' esmeralda, no sepulchro!
Ai! vinte flores para quem o dia
Nem ja tem sol, nem luz, nem riso pulchro!

CHORA!

N' UM ALBUM.

Que fôra a vida se n' ella não houvesse lagrimas!

A. Herculano, *Eurico*.

Como a estrella matutina
Chora aljofares de prata
Sôbre a relva da campina,
Sôbre a rosa e a bonina,
Que no campo se retrata;

E como a flor innocente
Envia á placida aurora
O perfume.rescendente,
O doce pranto que chora;
— Deixa que na face lisa
Passe a lagrima zelosa,
Que tem ciumes da brisa
E mollemente desliza
Té perder-se descuidosa.

Chora, chora, virgem pura!
Que mais se augmenta a belleza,
Mais commove a formosura,
Quando chora a desventura
Entre a fé, entre o receio.

Esperas? — Palpita o seio
Quando julgas ver detido
O pranto, da face em meio,

Por um osculo appetecido,

Casto, puro como o beijo,

Que o jasmim á rosa envia

Envolvido no bafejo

Das leves auras do dia.

E' do irmão! Cinge-o nos braços,

Mais e mais estreita os laços

Do candido amor fraterno!

E' do irmão! Volveu á patria,

A luz d'alegria brilha...

. . . .

Era a mãe! beijára a filha;

Bebêra o labio materno

Essa pérola mimosa,

Que pela face desdobra

Da triste virgem formosa

E vae esconder-se á dobra

Mais sacrosancta do peito.

. . . .

Receias? — Tremes, donzella,
Que jamais ao seio apertes
O terno irmão, por quem vertes
Esse pranto? — Acaso a estrella,
Cecêm nos jardins do empyreo,
Perde a esperança, no dia,
De rever, á noite, o lirio
Que um momento se desvia
No breve giro da terra?
— Oh! não receia a saphira;
Todo o amor, que o peito encerra,
Em saudade se converte
D'esse irmão, por quem suspira;
Que — se as estrellas são flores
Que vivem no ceu luzidas —
São as florinhas do prado
Estrellas no chão perdidas.

. . . .

. . . .

Espera, virgem, espera;
Mas chora; que a primavera
E' mais bella quando a aurora
Sôbre as florinhas derrama
Os aljofares que chora.
— Que fôra no mundo a vida,
Se a dor, que n' alma doe tanto,
Não a minorasse o pranto!

FLOR DE MARMORE.

NO ALBUM DE J. DE M.

Era um jardim; muitas flores... e uma só estatua.

. . . .

Das harmonias o bafejo trémulo,
Que de prazer arrebatava as flores,
Aos pés da estatua se quedava gélido,
Ou se arrastava, suspirando amores!

Era de medo que esfriava o cantico,

Roçando a phrase na belleza fria?

Ou, ja captivo, suspendia o rapido

Voar da melodia?

. . . .

Era um jardim; muitas flores... e uma só de marmore!

ESTATUA!

Sê monstro, ou sê deidade,
Não fujo aos ferros teus.

A. DE CASTILHO, *Ovid., Am.,* liv. 3, c. XI.

Mulher, estatua em pé! se és uma estatua,
Ahi tens meu coração por pedestal!
Consente ao menos que meu labio trémulo
Pouse um beijo nas orlas do sendal.

Mulher, estatua em pé! se fôras aspide,
Guardára-te no seio, — archanjo assim,
Entraste o coração! Mas, anjo ou vibora,
Minh' alma alenta, ou rasga o seio emfim!

Se eu fôra a estrella, que da immensa abóbada
Te envia luz e amor, — trocára os ceus
Por teu vestido azul, embora pallida
Ficasse, ao scintillar dos olhos teus.

Se eu fôra a borboleta, ao lirio candido
Fugíra, por beijar-te uma só vez,
Embora que de amores fosse victima,
Se um beijo de homem te roçasse a tez.

Se fôsse o lirio, no teu seio, timido,
Quizera ser feliz um dia só,
Embora em meio de suspiros languidos
Um seio estranho me arrojasse ao pó!

Mulher, aspide ou anjo! se és estatua,

Ahi tens meu coração, calcál-o vem!

Que em premio o labio teu, neve purpurea,

Apague o fogo, que meu labio tem!

SALVE!

NO ALBUM DE JM. DE M.

Era a flor branca de neve,
De neve, sim, mas formosa,
Desbotada como a rosa
Em dias que o sob não viu;
Roçou-lhe a brisa de leve
Sem agital-a um momento...
Soprou-lhe o escarneo do vento,
Pendeu-se a flor... e sorriu...

Salve, estatua! sentiste aura de amores
Estremecer-te n' alma!
Ergueste os olhos, agitaste o labio...
Quedaste fria e calma!

Quem disse ao marmore que a vida salta
N' um trémulo sorriso,
Como, só, vive se desprende o calice
A rosa e o narciso?

Quem disse ao marmore que a vida salta
No fulgurar dos olhos,
Como é só dia quando a luz é próspera,
No ceu, contra os abrolhos?

Salve, salve, mulher! Alfim que importa
Quedasses fria e calma?
Se ergueste os olhos, agitaste o labio,
Estremeceu-te ess' alma!

Viveste, porque do seio,
A que em meus sonhos aspiro,
Ja desprendeste um suspiro
Dos muitos que dormem lá!
Viveste porque o receio
De quebrar o nosso encanto
Abandonou-te, — e portanto
Desencantaste-nos ja.

Viveste, sim, que um sorriso
N' outro sorriso gelaste!
Se o nosso encanto quebraste,
Viveste... Nem foi por mim!
Prendeu-te do escarneo o riso...
— Ao gêlo casa-se o gêlo,
Que o fogo não ha prendel-o...
Mas salve! viveste emfim!

CEDEU!

Funde em delirio a ternura,
Veda ao pêjo o murmurar!

A. DE CASTILHO, *Ovid.*, *Am.*, liv. 3, c. XIV

Emfim! rasgou-se o veu que a protegia,
Queimou-se em tanto ardor!
Se o labio seu negára o meu pedido,
Agora, emmudecido,
Falla de amor...
Subjeito á sua lei,
Sou rei!

Oh! perola mimosa que eu roubára
Da concha materna!!
— Perola parda, que — por não ser alva,
Eu juro que está salva
De ter rival, —
No mar, que seduziu,
Caiu!

Borboleta veloz, irmã das flores,
Transfuga do jardim,
Mais bella do que a sombra d' açucena
De noite, e mais morena
Que a do jasmim,
Nas chammas, que accendeu,
Ardeu!

Rosa modesta, que roseira d' Africa
Gerou n' outro paiz,
Não mais virgineas petalas bafeja

A brisa que, de inveja,
Raivosa diz :
« Ao noto, qui a beijou,
Vergou ! »

De amor o throno que, — fiel vassallo,
Rainha, te guardei,
Calca-o, formosa, com teu pé pequeno
E, n'um ditoso aceno,
Faze-me rei !

. . . .
. . . . .

. . . .

Tombou a perla, desfolhou-se a rosa,
A borboleta ardeu !
E a mulher, que reinou quando era virgem,
Rainha sem corôa, na vertigem,
Por um throno de amor... perdêra o seu !

MENTIRAS.

Ao peso da desventura,
Sinto a minh' alma gemer...
E o labio ri, folga o corpo
N' um turbilhão de prazer!

*
* *

Alem, no centro do valle,
Formoso alcaçar não vês?

Corôam-no flores que riem,
Choram-lhe arroios aos pés.

Haverá risos la dentro?
Dizei, florinhas, dizei :
Ha pranto! pranto que embebem
As galas que inveja o rei.

E o lago, tela alvacenta
Onde um anjo desenhou
As rosas, lirios e a relva
Que o Senhor ali creou;

O lago, que affoga o raio
Com que o sol o quiz beijar,
Mente-lhe a face tranquilla
Que a brisa teme crespar?

— Húmido filho das aguas,
Que a face cortar-lhes vem,
Diga-te o inferno agitado
Que o lago no fundo tem.

*
* *

Assim vivemos na terra;
Mente-me o labio, se ri,
E folgo de ver que mentes,
Como eu sempre te menti.

Mandas-me um longo suspiro,
Que envolto no anceio cae;
Tinges os labios de um riso
Contrafeito, que se esvae.

E eu acceito o sacrificio,
Quero deixar-me illudir;
Mas dar-te um ai, dar-te um beijo...
Oh! tanto não sei mentir!

Então receias e choras...
E finges bem... causas dó!
E pedes — tremem-te as fallas —
« Oh! dá-me um suspiro, só! »

E eu quero ver-te vaidosa,
E eu quero ver se és actriz;
Queixo-me então que sou triste
Porque tu me não sorris.

Ergues de novo a tu 'arte,
Dás-me suspiros e ais...
E eu fico estatua. Prosegue,
Finge, mente, chora mais!

*
* *

Vamos ao campo. Tu folgas
No descuidoso jardim,
Colhes as flores do prado,
Unes a rosa ao jasmim.

Duvída a luz pelo espaço;
Por tras da collina o sol,
N' um raio suspenso, aguarda
Emboras do rouxinol.

Como se banha nas aguas,
Que a soltas no prado vão,
Essa cabana tão pobre
Que a miseria accurva ao chão!

Como as horas da amargura,
Que o pezar grilhôa ao pé,
Devem passar arrastadas
A quem, triste! ali se vê!

Não sabes, Lucia! é penoso
Ver a alegria da flor
Contrastando amargamente
Com o pungir de uma dor...

*
* *

Mas não! O ceu, que era bello,
Enluctou seu manto azul,
O lago treme, as florinhas
Tombam ao sôpro do sul;

As aves calam de medo,
No ceu ribomba o trovão,
E, por suster-se, o carvalho
Apoia as ramas no chão!

Pede gasalho á miseria
Que ali seu reinado tem.
— Vês o innocente que dorme
Nos braços de sua mãe?

Ouves um canto la dentro?
Quem será? — Homem, quem és!
« Sou senhor n'esta choupana,
Marido e pae, bem o vês.

Trabalho alegre de dia,
Rio e canto, como ouvis;
A' noute volvo-me a casa,
Rezo, durmo e sou feliz. »

*
* *

Como a tristeza na terra,
Como a bonança nos ceus,
Assim mente o meu sorriso
E mentem os olhos teus.

N' UM ALBUM.

(Sob á impressão de uma musica.)

Tu, que a belleza arrebataste ás flores
E os seus amores captivaste assim,
Vôa comigo n' um fraterno encanto,
Onde o teu canto me elevou, a mim!

Vôa comigo! No cair da morte
Roubou-me a sorte um coração de irmã...
Vôa comigo, sê meu anjo, oh anjo,
Guia-me, archanjo, n' esta lida vã!

Sente-se um vácuo no rolar da vida,
Se esvaecida vae no peito a luz;
Sem mãe nem patria, quem não vae perdido,
Se o mundo infido lhe pozer a cruz!

Sê minha irmã! No desdobrar da sorte
Rirei da morte despotente e vã.
Vôa comigo, n'um voar fraterno
Que dure eterno! Vem... sê minha irmã!

Não sei se a virgem, que sonhei na infancia,
La na distancia para mim morreu;
Sei que sem patria, sem amor, sem ella,
Nem uma estrella me illumina o ceu.

Tu, que a belleza arrebataste ás flores
E os seus amores captivaste assim,
Vôa comigo n'um eterno encanto,
Onde o teu canto me elevou, a mim!

ROLLA.

(DE ALFREDO DE MUSSET.)

Fragmento de uma traducção.

. . . .

Oh Christo! não me arrastam
As súpplicas ferventes
Ao templo em passo trémulo,
Quebrando-lhe a mudez.

Oh Deus! não sou d'aquelles
Que vão ao teu calvario
Com labio arrependido
Beijar-te os rotos pés.

Eu permaneço immobil
No portico sagrado,
Em quanto sob as naves
O povo teu leal
Se accurva ciciando
Ao salmear da egreja,
Como ao roçar do norte
Cicia o cannaveal.

Não creio, não, oh Christo!
No verbo teu divino;
Nasci tarde no mundo
Que a idade corrompeu.

De um seculo descrente
Nasceu outro sem medo,
E os cometas do nosso
Varreram todo o ceu.

E agora o dubio acaso
Agita na penumbra
Das illusões, que imperam,
O mundo no estertor;
E a alma do passado,
Errando em seus destroços,
Empurra ao pégo eterno
Os anjos do Senhor!

Os cravos do teu Golgotha
Apenas te sustentam;
De sob o teu sepulchro
O astro-rei fugiu!

Morreu-te a gloria, oh Christo!
E sôbre o lenho d' ebano
O teu cadaver sancto
Desfeito em pó — caiu!

Ai! seja permittido
Beijar-lhe a pura cinza
Ao filho menos crente
De um seculo sem fé!
E prantear, oh Christo!
No mundo, que remido
Viveu da tua morte,
E morre... e não te vê!

. . . .

DESPERTA!

Venez que je vous parle, ô belle aux yeux divins!

. . . .

Venez! le printemps rit, l'ombre est sur le chemin,
L'air est tiède, et là-bas, dans les forêts prochaines,
La mousse épaisse et verte abonde au pied des chênes.

VICTOR HUGO, *Voix intérieures*.

Eu vi-te á noutinha : na face mimosa
Dormia-te a rosa da cor do desmaio;
O sol, que morrêra, beijára-te as tranças
Mandando esperanças no seio de um raio.

E eu vi-te de noite : nos olhos cerrados
La guardas calados desejos de amores;
Na bocca pequena saltitam e pulam
Suspiros que ondulam em rios de flores.

Eu creio em teus olhos; desprende-os, oh bella!
Que mais de uma estrella terá de offuscar-se;
Não temas os ventos, nem raios vermelhos,
Que d'alma os espelhos não podem quebrar-se.

Saccode as cadeias que o mundo te déra!
Minh'alma te espera sorrindo em venturas;
A lua promette, mostrando-se a medo,
Guardar o segrêdo de nossas ternuras.

Voemos, archanjo! Quebrei minha lyra,
Que outr' ora mentíra de amores fallando,
Meus labios agora dirão, n' um só beijo,
Venturas que almejo, sorrindo e chorando.

Nos braços do homem, que ao séio te prende,
Teu corpo se vende, tu' alma dormita;
Desperta, meu anjo! não dorme quem ama,
Sustenta-o a chamma que o peito lhe agita.

Terá minh' alma,
De amor accesa,
Tu' alma presa
Por nosso amor;
E o pranto cessa,
Que á face davas,
Em que banhavas
A tua dor.

Teremos delicias que o peito gozára,
Que a voz não contára, temendo por ellas;
Irás á noutinha banhar-te no lago,
Sorrindo ao affago da luz das estrellas.

Iremos nos valles ao pé das roseiras,
Que embalam fagueiras as filhas altivas,
Roubar-lhes odores que as rosas bafejam,
Se as auras adejam em volta captivas.

E o berço das flores, de verde esmaltado,
Fará cortinado da sombra mimosa;
— Bem sabe a roseira que férvidos beijos
Fariam desejos na candida rosa;

Que as pallidas cores, que tens no teu rosto,
De inveja e desgosto matavam-lhe as flores;
Que a salvo das sombras, que o leito nos vistam,
Teus olhos conquistam... e matam de amores.

Desperta, formosa! Quebrei minha lyra,
Que outr' ora mentíra de amores fallando;
Meus labios agora dirão, n' um só beijo,
Venturas que almejo sorrindo e chorando.

UM BEIJO.

Não posso crer-te, não, sorte impiedosa,
Mentiste! mentes! não te creio, a ti!
E' feio o desengano, *ella* é formosa...
— Não póde ser... não foi e eu nada vi.

O que senti... foi d'aura o vão lamento,
Não foi um beijo que seu labio deu.
Entre *elle* e *ella* está meu pensamento,
— Se um beijo se trocou, foi d'*ella* e meu.

Se escuto o rouxinol, creio que canta,
Se vejo a luz do ceu, creio na luz;
—Porque não crer o labio que me encanta!
Porque não crer o olhar que me seduz!

Mas quando o sol se esconde no horisonte,
E ao longe estala da procella a voz,
— Parece que o astro-rei pousa no monte,
E que o trovão ribomba sobre nós.

Assim, o que senti não foi um beijo,
Que o labio d'*elle* não roçára o seu;
Entre ambos tinha eu posto o meu desejo,
— Se um beijo se trocou, foi d'*ella* e meu.

Talvez... Ja sei; Luiza a morenita,
Passando junto a mim, déra-me um *ai;*
— Suspiro de mulher terna e bonita
E' como o raio, — passa, queima e vae.

Correu, segui-a e, fugitiva rosa,

Escondeu-se nas sombras do jardim;

Se ella era flor, eu fui a mariposa...

— E a brisa desfolhou mais um jasmim.

Então... eu vi Lucinda, no momento,

Deixar que um labio lhe roçasse a tez!

— Fui eu, fui eu... beijou-a o pensamento,

E o beijo murmurou... que era de trez.

A MORTE DE UM POETA.

> Le poëte chantait : quand la lyre fidèle
> S'échappa tout à coup de sa débile main...
>
> MILLEVOYE, *Élég.*, liv. I.

Fatal presente do genio,

Porque o prendias ao ceu!

Longe do mundo gemendo

Nem um gemido desceu.

Canto amargo, que nascêra
Do soffrer do coração,
Passára frouxo na terra
Nas azas da viração.

E a terra ouvia-lhe os hymnos
Sem as maguas presentir;
Subiam todas, subiam,
Não nas pôde o mundo ouvir!

Se um anjo, quebrando a sorte,
Viesse ao mundo dizer:
« Morre um poeta de fome,
Deixa-o a patria morrer! »

Ninguem crêra o mensageiro.
— Morrer de fome! mentiu!
Pois é da terra o poeta!
Quem jamais o genio viu!

Se é homem, trabalhe e viva
Do premio do seu suor;
Se é poeta, viva e cante
Libando a taça do amor.

E em terra posto o joelho
O mundo, attento a escutar,
Ouvíra a queixa do vate...
E crêra ouvil-o cantar!

E como o alegre camponio
Ao calar do rouxinol
Solta os hymnos d'arvorada,
Saudando o nascer do sol;

Assim o mundo contente
Cantára por sua vez:
— Morrer de fome um poeta!
Morre de amores, talvez!

E mais tarde, quando o genio
Entrasse livre no ceu,
Chorando diria o povo :
— Era um poeta... morreu!

Porque tão longe do mundo
O collocaste, Senhor!
Morreu chorando de fome,
Viveu cantando de amor!

ULTIMA PAGINA.

FRAGMENTO.

. . . .

Oh não, meu coração! a vida é como as aguas
Que da montanha ao mar se vão por entre as fraguas.

Ali borbulha alegre, em meiga solidão
De fonte clara e pura o rio do sertão;
Mas quando a noite e o dia o tem levado airoso
Por sobre o valle ameno e pelo bosque umbroso,

— Unido a cem irmãos, casado a mil rivaes,
La vae lambendo aqui tyranno e rude caes,
Ali rasga-lhe o seio estupido Charonte,
E o pé do viajor, de sobre a erguida ponte,
A face lhe assombreia e tolda-lh' a de pó!
—E até que o mar lhe sorva as lagrimas e o dó,
Outr'ora alegre e manso, hoje medonho e bravo,
Arrasta-se na terra envilecido escravo!

E alem murmura alegre, em meiga solidão,
Regato que se esconde á sombra do sertão
E nem desceu ao val, nem é sabido ao mundo...
Mas la, chegado ao pé de abismo claro e fundo,
Debruça a pura fronte e mais ligeiro vae...
Espreita... o mundo é la!—Succumbe, geme e cae!
E ou seja pobre o rio, ou catadupa enorme,
O mundo applaude a queda e ao som do canto... dorme!

AO LEITOR

Dando ao prelo o presente volume satisfaço menos o proprio desejo que o de muitos dos meus bons amigos; cumpro a promessa feita a alguns dos mais indulgentes e respondo a uma obsequiosissima pergunta de trez dos mais intimos.

As poesias, que hoje ponho a lume, são pela quasi totalidade ineditas. Assim se restringem ellas aos annos decorridos de 1857

a 1860. Das anteriores a esta epocha, — publicadas aqui e ali em alguns jornaes politicos, ou em pequenos semanarios de litteratura, e perdidas e esquecidas por felicidade minha e d'ellas, — não *salvo* mais do que trez especialmente designadas e defendidas pelas competentes datas.

Propondo-me dar ao público uma primeira collecção dos meus versos, impuz-me a rigorosa, e por mim reconhecida obrigação de escolher os menos indignos dos olhares da critica. Se estes o são muito, creia o leitor que os outros o seriam *muitissimo*.

Valha-me a confissão espontanea e a boa-fé, com que protesto contra quem me alcunhar de *fazedor de modestia*.

Quanto ás mil particularidades que se ligam a uma *obra* d'estas, levo a minha generosidade para com o leitor, ao ponto de

esconder-lh'as. Contento-me de repetir um verso, — sublime lhe chama Nodier, — de Maria de Gournay :

L'homme est l'œuvre d'un songe et son œuvre est son ombre.

Paris, março de 1861.

NOTAS

A.

(DEDICATORIA.)

Casimiro de Abreu era uma d'estas raras intelligencias e heroicas vontades que, voadoras temporãs, luctam contra todos os obstaculos do fossilismo e da indifferença, e ganham força na propria lucta.

Poeta-criança como Millevoye e como elle contrariado pela sollicitude da familia, — acabou por triumphar em segredo; — e, sem pronunciar o *promitto* de Ovidio, baixou a cerviz ante o *quero* da auctoridade paterna, erguendo o coração e o pensamento á luz e ao *posso* do genio. Menos feliz, porêm, do que o illustre elegiaco francez, não saiu das mãos guiadoras e previdentes de um douto Collenot para entrar no escriptorio de um rábula impertinente, nem viveu trinta e trez annos para

cultivar o raro talento e colher o fructo de tantas e tão bellas flores, que lhe brotavam n' alma ardente e apaixonada.

Casimiro de Abreu morreu em fins de 1860, aos vinte e um annos de idade, auctor de um volume de poesias (1855-1858) das quaes a critica mais severa ha de acceitar muitas como formosas e todas como promettedoras.

Sem mestres nem livros, empurrado barbaramente para o positivismo do commercio, Casimiro pendia a bella fronte e, em sua quasi ininterrompida meditação — não aprendia, adivinhava, — como, talvez não com mais justiça, disse M. de Pongerville do admiravel auctor do *Amour maternel* e de *Emma et Éginard*.

E assim se fez um poeta e esse poeta fez um livro, — eloquente protesto contra as mãos sacrilegas que transplantam para os rochedos incendiados, para as brasas petrificadas de S. Vicente, um arbusto mimoso e raro dos jardins Van Houte!

« Tudo me roubam meus crueis tyrannos :
« Familia, amor, felicidade, tudo!
« Palmas da gloria, meus laureis do estudo,
« Fogo do genio, aspiração dos annos!... »

E' formoso e dóe esse grito de uma grande alma que não póde voar aonde aspira, por medo de abandonar de todo aquelle corpo debil e ja vergado, como a palmeira do deserto ao sôpro ao simoúm.

Casimiro, o auctor das Primaveras, entrou hontem

nó mundo com as mãos cheias de flores, que hoje, ainda verdes e perfumosas, lhe servem de adornar a campa. Como Alvares de Azevedo, a victima de si proprio, como Junqueira Freire, o martyr do claustro, como Dutra e Mello, como Macedo Junior, a criança de quinze annos que saiu do berço por entrar no túmulo, espalhando açucenas no caminho, — Casimiro é uma gloria roubada ás lettras brasileiras e a todos que fallam a lingua de Camões.

Lamenta-se que a rapidez com que passou na terra o não deixasse perpetuar o seu nome. André Chénier morreu em 1794, em 1819, á frente da primeira edição das suas poesias, escrevia Henri de Latouche : « André Chénier deixára apenas, na memoria de alguns amigos das lettras, um nome promettido á celebridade. A sua gloria era menos fundada sobre titulos do que sobre esperanças. . . . .
. . . . Para que, pois, entregaremos os *fructos imperfeitos* d'esta musa ao risco das nossas preoccupações! » Mais tarde porêm, nas seguintes edições, lê-se : « Hoje temos a certificar o immenso *successo* do seu livro, e a influencia de um talento, completamente regenerador, sobre o futuro da poesia em França. » Sainte-Beuve o caracterisou; e o desgraçado auctor da *Invention* e do *Aveugle*, o mimoso e desventurado poeta da *Jeune captive*, é um dos maiores ornamentos da moderna litteratura franceza, e com Gilbert e Malfilâtre forma, no fim do seculo 18°, a trindade dos astros, cujos dois

horisontes quasi se tocaram — oriente e occidente.

Quem sabe pois se mais tarde, quando a critica se dér ao trabalho de ler e meditar os livros de Azevedo Freire e Abreu não achará muito de bom que certamente fará mais sentida ás lettras a morte prematura d'esses talentos, mas que tambem lhes trocará em aureo veu de gloria o manto verde-pallido de esperanças mortas, com lhes envolvem os versos?

Esperemos.

Para mim, — e d'esta vez, pobre exigente, me não contento com pouco, — para mim a musa, que inspirou o *Amor e mêdo*, merece bem as attenções da litteratura patria. E pois que o meu livro buscou protecção no túmulo, fechado apenas, de Casimiro de Abreu, permittam-me que aquella sua mimosa e doce poesia venha aqui, por unica e emprestada riqueza, perfumar as pobres flores que lhe offereci. A lua é escura e pede ao sol que a prateie.

AMOR E MEDO.

Primaveras, XL, pagina 151.

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz do fogo que te cerca, oh bella,
Contigo dizes, suspirando amores:
— Meu Deus! que gêlo, que frieza aquella!

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo, é que te adoro louco...
E's bella — eu moço; tens amor — eu medo!

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio, ou vozes,
Das folhas sêccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O veu da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me intumesce os seios,
E ao vento fresco do cair das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

E' que esse vento, que na varzea, ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondêa,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu rizo atêa!

Ai! se abrasado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que á sombra d' elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho
E a pobre nunca reviver podéra,
Chovesse embora paternal orvalho!

II

Ai! se eu te visse no calor da sésta,
A mão tremente no calor das tuas
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Trémula a falla a protestar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz : — que seria da pureza de anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimáras a pisar descalça,
Criança louca, sobre um chão de brasas!

No fogo vivo eu me abrasára inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias, no lascivo abraço,
Anjo enlodado nos paues da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como um vão lamento
Tu perguntáras : que é da minha corôa?
E eu te diria : — desfolhou-a o vento!...

—

Oh! não me chames coração de gêlo!
Bem vês : trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo, é que te adoro e muito,
E's bella — eu moço; tens amor — eu medo!

Outubro, 1858.

Meu Deus! que é doloroso ver tão verdes annos e tão brilhante porvir quebrarem-se na sombra da sepultura! E assim Gonçalves-Braga, joven poeta portuguez, um dos companheiros de Casimiro, — fallecido no Rio de Janeiro, aos 22 annos de idade, sob as lagrimas e o tecto de um illustre litterato, patricio, amigo e, digamol-o, guia e mestre do infeliz auctor da formosissima *nenia a uma suicida!* E assim A. Coelho Lousada, poeta e romancista portuense, bem mais rico de talentos que de venturas! E assim Soares de Passos, e assim tantos!

Uma dor resignada e religiosamente soffrida verte na maior parte dos versos de Casimiro de Abreu um perfume de melancholia, que encanta e entristece. Tambem, presentíra elle a morte e, no dia em que dizia o extremo adeus a Affonso Messeder, que no túmulo o precedêra de

dois annos, prophetisou-a com notavel resignação e singeleza, em um só verso :

« Descança! se no ceu ha luz mais pura,
De certo gozarás n'essa ventura
Do justo a placidez!
Se ha doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...
Não tarda a minha vez! »

Nos ultimos dias de dezembro de 1860, no momento em que principiava a colleccionar e ordenar este volume, recebi a noticia da realisação d'essa triste prophecia. Casimiro de Abreu, o doce poeta das Primaveras, fôra-nos roubado; — *não tardou a sua vez!* Abri a primeira pagina do livro e consagrei-lh'o. Se uma lagrima nodoou a folha, era de saudade e subiu do coração aos olhos.

B.

(PLUMAS E PENAS, PAG. 15.)

Um dia trouxeram-me o *album* de uma formosa dâma fluminense. A ordem de *contribuição* era tacita, mas positiva. Contribuir com que? De boa vontade obedecia, mas... Este *mas* era o Malakoff dos meus desejos. *Sitiei a lyra;* o assedio foi longo e porfioso, e a tarefa levada a cabo com pênas e sem venturas. Escrevi essas quadras.

De resto, cumpre confessal-o, não era totalmente desinteressado o presente da minha pobre e humilde musa, que me segredava ao ouvido : — Que a dona d' este album leia os meus versos, — que os ache lindos e chore, — que os ache feios e ria, — pensa um momento em mim e em ti; — ja não é pouco.

Não sei qual o favor que valêram; nunca o soube, nem saberei jamais.

Por essa occasião tive pela primeira vez a ideia de publicar um volume de poesias, a que resolvi dar o titulo dos versos do album, *Plumas e penas*. Alguns amigos me representaram que havia n'elle um trocadilho de mau gosto, um *elmanismo* imperdoavel, e até um *gongorismo* (!) atroz. Quiz defendel-o, (quem não defenderá o seu *titulo!*) mas adiando para mais tarde a realisação do meu projecto, recolhi-me aos bastidores. E o livro sae agora debaixo da designação de — *Poesias* — designação vaga e talvez mais *pretenciosa* (Deus me perdoe!)

C.

(O CANTO DO INDIO, PAG. 31.)

Pag. 33, *verso* 10.

O throno de Aureng Zeib.

Aureng-Zeib, extincto imperio na India ingleza.

Pag. 34, *verso* 4.

Não viste o filho do Pant.

Dundon-Pant, pai do célebre e barbaro estrangulador Nana-Sahib.

D.

(MORRER PARA GOZAR, PAG. 35.)

A epocha, em que foi escripta esta *lenda*, faz-me esperar o facil perdão de tantas incorreções que reconheço e confesso. Pelo horror de emmendar (sem ter as *pretenções* do genio tutelar das Bagatellas, do *Hyssope*) e sobretudo, pela convicção de que me não era possivel tirar d'ali coisa bôa,—conservei o *poemeto* quasi como nasceu.

A razão porque o não deixei na pasta, ou o não condemnei ao fogo, como era de justiça, não interessa saber-se.

E.

(?..., PAG. 49.)

No momento em que escrevi o ultimo d'esses versos, para os quaes procurava um titulo, fui distrahido não sei por quem. A *interrogação*, que ahi puz, perguntava como se chamariam. Chamaram-se — ?... e assim foram publicados no *Album do Gremio Litterario Portuguez.*

Tambem esses soffreram accusação de *elmanismo!* houve até um meu amigo que lhes chamou — *estudo* e só como tal acceitaveis.

Declaro e juro sobre as cinzas do bom Elmano, tão injustamente insultado com a critica dos, para mim, benignos censores, — que essa poesia foi escripta sem bôa nem má intenção,

Era um peso na consciencia.

F.

(A UM POETA, PAG. 137.)

Estes versos, que não passam de uma criancice, foram, debaixo do pseudonymo Maria M***, publicados em 1857, n'um jornalzinho litterario.

Perdôem-me as offendidas, se ousei disfarçar-me sob tão doce nome e com tão amavel protecção. Houve para isso uma razão que cessou de existir. Peço a indulgencia do bello sexo para o meu crime horrendo e inaudito, cujo sincero arrependimento se prova, apresentando-me como auctor de taes versos, — que, em consciencia, não podiam lisongear o nome da *auctora*.

G.

(LUCIA, PAG. 145.)

Em novembro de 1860 visitei o *Père-Lachaise* em companhia do meu amigo T. de A. Depois de termos visto o túmulo de Heloisa e Abailard, marchamos ao acaso sem nos fallarmos, — que a voz humana, conscia da sua impotencia para exprimir tudo que em taes logares se passa em nós, não ousa erguer-se ante a muda eloquencia dos sepulchros. Apenas os olhos, seccos mas commovidos, interrogavam aqui uma data, ali uma inicial, alem um nome.

Subiamos uma das ruas, que da entrada principal conduzem ao centro do cemiterio. Procuravamos, na cidade dos mortos, um habitante conhecido.

— Vês aquelle túmulo? perguntou T. de A. Olhei á

minha esquerda e instinctivamente levei a mão ao chapeu. Aproximamo-nos. Era Alfredo de Musset. Nada de mais simples do que o sepulchro d'esse grande e bello talento : uma pedra erguida a prumo e sobre ella o busto do poeta, em marmore branco. Contemplei um momento essas nobres feições.

A melancholia é communicativa : *La mélancolie est plus tendre, plus confiante, plus communicative que le plaisir, si toutefois la mélancolie n'est pas le plaisir de ceux qui n'en ont plus,* — disse Charles Nodier. Mas o triste, que não pranteia, não arranca lagrimas, inspira respeito : — e o marmore das campas não chora. Quando meus olhos, despregando-se da imagem do homem, encontraram um raio da gloria do poeta, senti a dôr subir do coração á face; mas não chorei, que não pude.

Por baixo do busto de Alfredo de Musset está gravada a primeira strophe da — *Lucia,* e na parte posterior da lapide a última do — *Recorda* (Rappelle-toi). A imitação d'aquella melancholica elegia é, de todas as minhas poesias, a que eu mais amo. Parado em frente das cinzas do auctor, repetia-a mentalmente, parecendo-me ler, na doce placidez da estatua, o perdão de lh' a haver profanado. Foi n' esse momento que os versos me feriram a vista :

Mes chers amis, quand je mourrai
Plantez un saule au cimetière.
J'aime son feuillage éploré ;

La pâleur m'en est douce et chère,
Et son ombre sera légère
A la terre où je dormirai.

La lhe plantaram o chorão, cujas ramas apenas roçam as lettras do epitaphio. Pequena e pensativa, dir-se-hia que a arvore das tristezas, contente de affagar o doce fragmento da poesia, não ousa erguer-se até o poeta.

Rappelle-toi, quand sous la froide terre,
Mon cœur brisé pour toujours dormira;
Rappelle-toi quand la fleur solitaire
Sur mon tombeau doucement s'ouvrira :
Je ne te verrai plus; mais mon âme immortelle
Reviendra près de toi comme une sœur fidèle.
Écoute, dans la nuit,
Une voix qui gémit :
— Rappelle-toi.

A minha imitação da *Lucia* foi publicada no *Parahiba*, jornal brasileiro, de que é redactor principal o senhor A. Emilio Zaluar, em 1859. A traducção do *Rappelle-toi* era completamente inedita e apenas conhecida de alguns amigos.

Confesso que a coincidencia de encontrar sobre a lousa de Alfredo de Musset os versos, que eu d'elle traduzíra, me impressionou vivamente.

Dedicando esta elegia ao senhor Conselheiro José de Castilho, tento dar a sua excellencia uma pequena prova da grande admiração e amisade que lhe voto; e um tes-

timunho de saudade d'aquelles seus saraus litterarios, onde a intimidade como que nos tornava ainda mais doce e tepido o ar que respiravamos. Ali teve a *Lucia*, pela vez primeira, as honras da leitura e o favoravel accolhimento de mui distinctos litteratos.

H.

(A ELISA, PAG. 161.)

Esta poesia faz párte da segunda scena do meu drama *Luis*, que se acha publicado e foi representado em vinte e cinco noites quasi consecutivas (perdoem-me a immodestia) no Gymnasio Dramatico do Rio de Janeiro. Ponho-a aqui ja por ser o seu logar entre as suas irmãs, ja porque ella me recorda uma das horas mais cheias de emoção, mais felizes e mais sàudosas da minha vida.

I.

(FLOR DE MARMORE, PAG. 205.)

Sem eu lh' o dizer (não fazendo offensa á perspicacia dos leitores) ninguem adivinhára que o *jardim* era o theatro da Opera, — que as *flores* eram as bellas espectadoras — e que a *estatua* era a mais bella de todas. Fica entendido.

As duas poesias immediatas pertencem ao mesmo *credo*.

J.

(ROLLA, PAG. 229.)

Emprehendendo um dia a traducção do Jacques Rolla, comecei-a em estancias de oito versos septisyllabos, rimando em *agudo* o quarto com o oitavo. Distrahido porêm de tal trabalho durante algum tempo, quando voltei a elle achei inacceitavel o que tinha escripto ; e perdoando ao meu debil talento os defeitos da interpretação, não pude perdoar-me a inconveniencia da forma. Resolvi então recomeçar, adoptando o verso hendecasyllabo, e *imitei* algumas passagens. Reservo a publicação para quando a traducção for completa.

Da primeira tentativa conservo apenas o fragmento, que motivou esta nota.

INDICE.